



POR QUE LER

MACHADO DE ASSIS HOJE?

Joelma Xavier

Organizadora



MACHADO
DE ASSIS

**POR QUE LER
MACHADO
DE ASSIS
HOJE?**



**POR QUE LER
MACHADO
DE ASSIS
HOJE?**

Joelma Xavier
Organizadora



**Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais
(CEFET-MG)**

Diretor-Geral

Prof. Flávio Antônio dos Santos

Vice-Diretora

Profa. Maria Celeste Monteiro
de Souza Costa

Chefe de Gabinete

Profa. Carla Simone Chamon

**Diretor de Educação Profissional
e Tecnológica**

Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

Diretora de Graduação

Profa. Danielle Marra de Freitas
Silva Azevedo

Diretor de Pesquisa e

Pós-Graduação

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

Diretor de Planejamento e Gestão

Prof. Moacir Felizardo de
França Filho

Diretor de Extensão e

Desenvolvimento Comunitário

Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Governança e

Desenvolvimento Institucional

Prof. Henrique Elias Borges

**Diretor de Tecnologia da
Informação**

Prof. Gray Faria Moita

**Bacharelado em Letras –
Tecnologias de Edição**

Coordenadora

Profa. Joelma Rezende Xavier

Subcoordenador

Prof. José de Souza Muniz Jr.

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

**Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais**

Av. Amazonas, 5.253,
Nova Suíça, sala 344
Belo Horizonte, MG, Brasil
CEP 30.421-169
Telefone: +55 (31) 3319-7140

Coordenador

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Vice-coordenador

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva
de Oliveira

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro
Profa. Dra. Elaine Amélia Martins
Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.
Prof. Dr. Luiz Henrique Silva
de Oliveira
Profa. Dra. Maria do Rosário
Alves Pereira
Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa
Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski
(UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão
(UFC, Brasil)

Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg
(CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas
(UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar
Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira
Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo

Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa
(UnIBH, Brasil)

Supervisão

Elaine Amélia Martins
José de Souza Muniz Jr.

Preparação de originais e revisão

Camila Queiroga
Danielle Porto
Priscila Couto Ilha
Rayana Andrade
Rosânia Aparecida Silva

Projeto gráfico e diagramação

Camila Queiroga
Danielle Porto
Rafaela Alfaia
Rayana Andrade

Revisão de provas

Elinara Santana
José de Souza Muniz Jr.

Imagem da capa

Jo Justino (pixabay.com) com
devidas alterações na arte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária
Bibliotecário: Wagner Moreira de Souza – CRB/6-2623

P832 Por que ler Machado de Assis hoje? / Organizadora: Joelma
Xavier – Belo Horizonte: LED, 2021.

106 p.

ISBN: 978-65-87948-12-6

1. Literatura Brasileira. II. Título.

CDD: 869

SUMÁRIO

Apresentação	11
Prefácio	15
O ciclo dos clássicos	29
Retrato crítico do real	35
O olhar e a construção crítica na literatura Machadiana: Helena e Dom Casmurro	43
A narrativa machadiana: o leitor como explorador de perspectivas	53
A dúvida que movimenta: Machado de Assis e a ressignificação do Brasil	63
Um modelo de leitor: um escritor modelo	71
O leitor de Machado de Assis e sua contribuição para o <i>status</i> de permanência da obra	77
A importância de se ler Machado de Assis: uma abordagem crítica e analítica acerca das personagens femininas Helena e Capitu	89
Sobre a organizadora, autoras e autores	103

APRESENTAÇÃO

Sobre experiência
literária e percursos
machadianos

Joelma Xavier

Em 2019, completaram-se 180 anos de nascimento de Machado de Assis, um dos maiores ícones da literatura brasileira. Sua escrita instaura-se em perspectivas de multiplicidade e de potentes reflexões acerca do Brasil, da estética literária, do comportamento humano, dentre outros temas. A antologia que aqui se apresenta tem por objetivo publicar as reflexões de crítica literária engendradas por alunos do Curso de Letras – Tecnologias de Edição do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), durante o período letivo remoto de 2020/1, produção resultante das análises desenvolvidas na disciplina *Tópicos Especiais em Estudos Literários: Machado de Assis – perspectivas críticas e imagens do feminino*, ministrada por mim nesse período.

O ano de 2020, como todos nós sabemos, trouxe-nos inúmeros desafios, muitas tristezas e distâncias, devido ao contexto de pandemia de Covid-19 e a um cenário de muitas incertezas políticas. No contexto educacional, certamente, uma das grandes dificuldades enfrentadas foi a de realizar mecanismos de ensino-aprendizagem, a partir de atividades síncronas e assíncronas, reduzidas ao modelo remoto. Apesar de todo esse período de adaptação e das adversidades do ensino remoto, 2020 também foi uma oportunidade para a aquisição de experiências com ferramentas digitais e para o aprimoramento de práticas de interação *on-line*, também no contexto da sala de aula e em diversas atividades de natureza acadêmica. E foi no embalo desse conjunto de aprendizagens que percebi a procura de muitos estudantes por oportunidades de experiências literárias, especialmente nas descobertas, leituras e releituras de dois romances de Machado de Assis, *Helena* (1876) e *Dom Casmurro* (1899), escolhidos para a abordagem didático-pedagógica da referida disciplina.

Dentre as perspectivas exploradas na disciplina, realizaram-se leituras da fortuna crítica machadiana, sobretudo a partir de Antonio Candido, Alfredo Bosi, Silviano Santiago, Roberto Schwarz,

Sidney Chalhoub, Luiz Roncari, Hélio de Seixas Guimarães, dentre outros, e leituras sobre processo escritural, cânone literário e leitura de clássicos, especialmente a partir de Roland Barthes, Antoine Compagnon e Italo Calvino. Na disciplina, amparados por esse repertório crítico-teórico, alunos e alunas foram orientados a explorar temas como: processo escritural machadiano; perspectivas sobre o olhar na narrativa; o enigmático como traço escritural; abordagens sobre os diferentes processos de figurações do leitor na narrativa machadiana; leituras sobre mecanismos patriarcais e patrimonialistas nas narrativas de *Helena* e de *Dom Casmurro*; e perspectivas sobre o feminino nesses dois romances.

Dado esse esboço teórico, a partir de muitas leituras, fóruns virtuais, aulas síncronas e discussões, os alunos do Curso de Letras – Tecnologias de Edição do CEFET-MG foram incentivados e cuidadosamente orientados a produzirem um artigo, relato ou ensaio para a conclusão da disciplina. No roteiro dessa proposta de escrita, apresentou-se o objetivo de desenvolver uma reflexão a partir desta pergunta: *Por que ler Machado de Assis hoje?* O resultado dessa experiência de escrita acadêmica é o que motiva a organização desta antologia crítica: muitos alunos e alunas conseguiram discutir temas diversos a partir das leituras de *Helena* e *Dom Casmurro* e propuseram reflexões sobre a atualidade e a importância de Machado de Assis nos constantes processos de formação da experiência literária no Brasil e fora dele.

Nesse contexto, e por acreditar na experiência literária desenvolvida na disciplina, apresento-lhes nossa antologia crítica. As perspectivas desenvolvidas pelos(as) estudantes conduzem-nos a importantes reflexões sobre análise, fruição e recepção crítica de Machado de Assis na contemporaneidade.

Meus agradecimentos aos alunos e às alunas que cursaram a disciplina *Tópicos Especiais em Estudos Literários: Machado de Assis – perspectivas críticas e imagens do feminino* (2020/1), em

especial aos alunos e às alunas que aceitaram o desafio de fazer parte desta antologia crítica, a saber:

Ana Paula Vasconcelos;

Camila Michel e Marina Araújo;

Fernanda Cristiane Monteiro;

Iara Mendes dos Santos;

Igor Silva Oliveira;

Joana França;

Mariane de Sousa;

Vinícius Amaral Fernandes.

Agradeço imensamente ao Prof. Dr. Nilton de Paiva Pinto, estudioso da obra machadiana e autor do prefácio desta antologia crítica e, por fim, meus agradecimentos especiais à equipe editorial e à equipe técnica da LED, ao Curso de Letras e ao Departamento de Linguagem e Tecnologia do CEFET-MG.

Desejo a todos e todas uma ótima leitura e *sim: leiamos Machado de Assis sempre!*

PREFÁCIO

Um mundo
de fantasias
caprichosas

Nilton de Paiva Pinto

Os estudantes da educação básica no Brasil, principalmente aqueles que chegam ao ensino médio e lá permanecem, provavelmente terão contato com uma parte da obra de Machado de Assis, autor que, historicamente, convencionou-se localizar no “Realismo brasileiro” – é a “segunda fase” da obra machadiana. Sabe-se do curto alcance dessa terminologia, embora ela continue exercendo a importante tarefa de apresentar ao público jovem a literatura do autor de *Quincas Borba*. Entre as produções literárias desse autor, é provável que se encontre, nos livros didáticos do segmento escolar mencionado, fragmentos dos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899), e um ou outro conto, por exemplo, “A cartomante” (1884) e “A causa secreta” (1885). São também encontrados em livros didáticos, com certa frequência, os contos “Uns braços” (1885), “O enfermeiro” (publicado inicialmente em 1884, com o título de “Cousas íntimas”) e “O espelho” (1882)¹.

Todas as obras acima mencionadas vieram a público, no século XIX, após a revolução do romance brasileiro marcada pela publicação das *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881); e, em seguida, do livro de contos *Papéis avulsos* (1882). Ambos representam não só uma reinvenção do gênero narrativo no contexto da literatura brasileira, mas também uma ruptura com o passado, “no estilo, na narração, nos assuntos de que trata”² o autor.

Tendo como referência os textos literários de Machado de Assis que são apresentados ao estudante brasileiro, pode-se inferir que a face mais conhecida do escritor é a que veio a público após o ano de 1880, isto é, a que a tradição crítica estimou como a mais importante e definiu como sendo o recorte que o leitor comum não

podia deixar de conhecer. Não é difícil compreender os motivos que levaram a essa eleição por parte da crítica, pois, ainda hoje, a renovação provocada nos modelos narrativos após o advento das *Memórias póstumas de Brás Cubas* é algo que não tem paralelo no Brasil – no que diz respeito à forma, ao estilo e aos assuntos debatidos por um narrador deliberadamente desabusado³.

Embora saibamos de tais razões, faz-se necessário lembrar, sempre, não só aos leitores de primeira hora, que, além do romance e do conto, Machado de Assis escreveu textos pertencentes a vários outros gêneros literários, principalmente antes dos anos de 1880. Naquele momento de sua vida, ele já era conhecido como poeta, tradutor, crítico teatral, dramaturgo, crítico literário, cronista, contista e romancista. É preciso salientar que, durante a década de 1870, num curto intervalo de oito anos, Machado de Assis publicou quatro romances: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878) – títulos que ainda hoje continuam motivando alentadas leituras críticas.

A profa. Joelma Xavier, juntamente com os alunos do curso de graduação em Letras do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), com esta publicação, induz-nos a pensar sobre a importância da leitura das obras de Machado de Assis hoje. A indagação apresentada pela docente, *Por que ler Machado de Assis hoje?*, parte de um procedimento metodológico de leitura cruzada dos romances *Helena* e *Dom Casmurro*, em disciplina ministrada durante o primeiro semestre de 2020. Se, num primeiro momento, a indagação feita pela profa. Joelma se apresenta com aparência apenas retórica, num exame mais atento, é bom dar um passo atrás e fazer como Santo Agostinho, em suas *Confissões*, refletindo acerca do tempo:

¹ Sobre esse tema, especialmente sobre “O espelho”, ver OLIVEIRA, Gracinéa I., 2021, p. 107-140.

² GLEDSON, John, 2020, p. 7-34.

³ SCHWARZ, Roberto, 2012, p. 17.

Que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quiser explicar a quem indaga, já não sei. Contudo, afirmo com certeza e sei que, se nada passasse, não haveria tempo passado; que se não houvesse os acontecimentos, não haveria tempo futuro; e que se nada existisse agora, não haveria tempo presente.⁴

Fazer uma afirmação categórica, de qualquer natureza, em forma de resposta, atualmente, é algo que nos coloca na contramão do contínuo debate sobre as incertezas em que vive o mundo contemporâneo. Não obstante, são essas mesmas incertezas que nos impulsionam na busca de respostas para o tempo em que vivemos. A obra de Machado de Assis continua a nos provocar tanto do ponto de vista estético como dos temas tratados pelo autor.

Hoje, sabe-se que a obra de Machado de Assis está para o universo literário como as obras de outros grandes escritores do século XIX – Flaubert, Balzac, Stendhal, Eça de Queirós, e vários outros que se dedicaram à complexa tarefa de analisar o comportamento humano. O autor de *Crisálidas* (1864), como demonstrado no início deste texto, dedicou boa parte de sua vida à construção de um projeto literário que, hoje, é um dos mais importantes no panorama da literatura universal. Pode-se afirmar, sem nenhuma preocupação de cometer excesso, que a obra de Machado de Assis percorreu o longo caminho da glória. Não a glória conquistada a partir de títulos “destinados à popularidade”, “pela graça das palavras” ou “por alusão a algum sucesso do dia”⁵, mas por lançar um olhar penetrante sobre temas sensíveis da sociedade brasileira que, ainda hoje, num momento tão controverso da nossa história, continuam carecendo de respostas.

⁴ AGOSTINHO, Santo, 2002, Cap. XIV, p. 213.

⁵ ASSIS, Machado de, 2008, pp. 420-1.

O romance *Helena*, publicado em 1876, insere-se no período da tradição literária brasileira que ficou conhecido como Romantismo. Essa obra é narrada em terceira pessoa, por um narrador onisciente, e apresenta um enredo focado numa história de amor que tem como tema a suposição de relações incestuosas entre dois “irmãos”. A trama do livro se constitui a partir do falecimento do conselheiro Vale, que deixa um testamento informando à família da existência de uma filha que tinha tido fora do casamento, Helena. Nas disposições testamentárias, consta uma cláusula segundo a qual a moça deveria ser não só reconhecida, mas também introduzida na casa da família. A partir desse episódio, pode-se acompanhar uma narrativa cheia de surpresas, reviravoltas, sagacidades, que têm como objetivo manter vivo o interesse do leitor até o fim da história. É nesse trecho que se desenvolve a mencionada relação incestuosa.

As obras literárias publicadas no período romântico brasileiro, além de obedecerem às convenções literárias próprias daquele tempo, visavam, também, formar um público leitor que começava a se constituir no país. Essas produções diferem, do ponto de vista estético, de várias outras publicadas por Machado de Assis na maturidade, embora não seja difícil identificar traços estilísticos ou temáticos que unam as duas pontas da produção literária do escritor. Ao relacionar os primeiros romances de Machado de Assis com outros publicados por ele no final do século XIX, o leitor deve ter o cuidado de não cair na fácil armadilha valorativa, sem muitos frutos, que, ao longo da nossa história literária, só contribuiu para que se pensasse a obra machadiana de forma fragmentada.

Graças a importantes pesquisas realizadas nesse campo, sabe-se que os primeiros romances de Machado de Assis foram escritos conforme “modelos literários voltados para a representação de formas aparentes da vida social” – neles “havia um centro rígido de convicções, em torno do qual se construía as estórias e os

caracteres”, e o “amor forneceu o motivo básico para a maioria absoluta das narrativas”⁶. Sabe-se, também, que os narradores machadianos dos primeiros romances são conhecidos por “oferecer conclusões de caráter edificante, afirmando seu perfeito acordo com os preceitos do tempo”⁷, consubstanciados num projeto de aperfeiçoamento dos costumes da sociedade, no tocante aos aspectos morais da vida. Alguns dos temas apresentados e debatidos nos romances da primeira fase da obra de Machado de Assis persistem em seus romances da segunda fase.

Com a figura de Estácio, Machado entrava em águas modernas. – Inseparável das relações paternalistas, o arbítrio pessoal é um de seus toques distintivos. [...]. Se pensarmos no que viria em seguida, Estácio é uma tentativa ainda modesta nessa direção. Sobretudo trata-se do problema de uma só personagem, de um capítulo muito curioso, mas um pouco à parte. A generalização desta complexidade clandestina para todas as personagens, e sua transformação em vida normal, será uma das façanhas e um dos princípios formais dos romances da segunda fase.⁸

Estácio é um representante autêntico da classe senhorial que se constituiu e se perpetuou, no Brasil, por meio de heranças. Seu pai, o conselheiro Vale, era um homem de boas relações sociais, querido pelos seus e proprietário – à moda do século XIX brasileiro. Trata-se de um indivíduo amparado pelos poderes econômico, político e religioso. Entre os seus bens, constam terras, casas de aluguel, apólices e pessoas escravizadas. A instituição da escravidão, um dos problemas mais sérios da sociedade brasileira, se

faz presente na narrativa ao lado do drama vivido por Helena, personagem principal do romance. Quem a recebeu na chácara, sem nenhuma resistência, desde o início, foi Vicente – escravizado pela família Vale⁹. Ele não é o único exemplo, na narrativa, dessa aviltante página da história do Brasil – entre todos, é o mais próximo de Helena:

Dos próprios escravos não obteve Helena desde logo a simpatia e boa vontade; esses pautavam os sentimentos pelos de D. Úrsula. Servos de uma família, viam com desafeto e ciúme a parenta nova, ali trazida por um ato de generosidade. Mas também a estes venceu o tempo. Um só de *tantos* pareceu vê-la desde princípio com olhos amigos; era um rapaz de dezesseis anos, chamado Vicente, cria da casa e particularmente estimado do conselheiro.¹⁰

O termo *tantos*, destacado na passagem acima, revela a condição de proprietário do conselheiro Vale – escravocrata – e coloca o leitor em contato com um procedimento narrativo que consiste em abordar temas delicados de forma sutil, sem alarido.

A figura do conselheiro Vale exerce autoridade legal sobre toda a comunidade doméstica presente no romance. Faz-se necessário ressaltar que o termo aqui empregado – comunidade doméstica – não diz respeito apenas àqueles que estão vinculados diretamente por laços sanguíneos à família – Estácio (filho do conselheiro), D. Úrsula (irmã do conselheiro) –, mas a todos que, de algum modo, habitam a complexa teia de relações do Sr. Vale e dela dependem: o padre-mestre Melchior, o Dr. Camargo, a vizinhança,

⁶ TEIXEIRA, Ivan, 2005.

⁷ ROCHA, João Cezar de Castro, 2013, p. 42.

⁸ SCHWARZ, Roberto, 1988, pp. 101-4.

⁹ Sobre esse tema na narrativa machadiana, ver CHALHOUB, Sidney, 2003, p. 17-57.

¹⁰ ASSIS, Machado de, 2018, p. 70; grifo nosso.

os cativos. A obediência como forma de lealdade se apresenta na obra como um dos instrumentos da manutenção do poder:

O padre Melchior, consultado sobre o casamento, deu-lhe inteira aprovação, e só lhe pareceu que o prazo era longo demais. A efusão com que abraçou Estácio, as palavras de aplauso que lhe disse impressionaram vivamente o mancebo.

— Deseja muito este casamento? – perguntou ele.
— Muito! Seu pai há de aprová-lo no céu!¹¹

O poder da figura do morto persiste na narrativa: o conselheiro continua aprovando as decisões de sua família aqui na terra. Isso diz muito sobre uma sociedade fundada no sistema patriarcal que, ainda hoje, continua a cobrar, de forma sistemática, seus (supostos) direitos de classe.

É nesse contexto que a história de Helena se apresenta e se desenrola para o leitor. Como já foi dito, ela é inserida na casa da família Vale após a morte do conselheiro por uma questão legal, pois o testamento que ele deixara a reconhecia como filha. A contragosto de D. Úrsula e do Dr. Camargo (médico, velho amigo da casa e pai de Eugênia – noiva de Estácio), Helena adquiriu – ao menos no papel – o *status* de membro de uma família pertencente à elite socioeconômica do Rio de Janeiro, no século XIX. Apesar desse “pertencimento” à nova classe social, nada mudou a sua condição: mulher de origem humilde, pobre, numa sociedade estratificada, preconceituosa, patriarcal.

Estácio, herdeiro legítimo do conselheiro, mesmo fazendo parte de uma nova geração, dedicado aos estudos, à ciência, dava manutenção ao *status quo* deixado pelo pai como forma de obe-

diência aos preceitos do genitor: “Tal era o filho do conselheiro; e se alguma coisa há ainda que acrescentar, é que ele não cedia nem esquecia nenhum dos seus direitos e deveres que lhe davam a idade e a classe que nascera”¹².

Em um alentado estudo sobre “Paternalismo e escravidão em *Helena*”, Sidney Chalhoub, numa tentativa de jogar luzes sobre as intrincadas relações sociais presentes na obra de Machado de Assis, identifica no comportamento de Estácio uma dificuldade em perceber o outro como indivíduo, só conseguindo enxergar o mundo a partir de sua própria ótica; ou seja, no universo da personagem, não há lugar para empatia nem reciprocidade¹³.

Não será difícil, para um leitor atento, identificar características semelhantes nos romances escritos por Machado de Assis após o ano de 1880. Sabe-se que a obra do autor até a década de 1870 ainda não tinha alcançado a profundidade nem a complexidade narrativa encontrada nos romances da segunda fase. Isso é um fato. Mas estigmatizar as suas primeiras produções literárias como convencionais, por apresentarem as características mais gerais do romance do século XIX, é um equívoco que precisa ser reavaliado.

Na segunda edição do romance *Helena*, publicada em 1905, pode-se ler, na advertência, um pedido de “desculpas” do autor pelo tom romanesco da narrativa. Além disso, ele afirma que, depois de transitar por diferentes páginas, ao reler a obra de 1876, ouvia um “eco da mocidade e fé ingênua”¹⁴. Decorridos vinte e nove anos entre uma edição e a outra, é natural que um artista como Machado de Assis identificasse traços de um escritor iniciante em obras trazidas a público novamente na maturidade. Talvez, a “fé ingênua” a que o autor se refere esteja relacionada a uma

¹¹ ASSIS, Machado de, 2018, p. 151.

¹² ASSIS, Machado de, 2018, p. 58.

¹³ Cf. CHALHOUB, Sidney, 2003, pp. 28-35.

¹⁴ ASSIS, Machado de, 2018, p. 43.

visão edificante da sociedade, em que o narrador, a partir de uma concepção cristã, tenta colaborar para melhorar e aperfeiçoar os valores morais da população. Essa visão edificante é abandonada a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas* de forma radical e sem retorno. Nesse romance, o autor constrói uma narrativa em primeira pessoa e, por meio dela, se mostra completamente desencantado do progresso civilizacional.

Isso posto, vale indagar se há algum eco da história de Helena de Capitu, no romance *Dom Casmurro*, publicado vinte e três anos após, já na fase madura de Machado de Assis, em 1899. Resumidamente, a história desse livro, situada historicamente a partir de 1857, narrada em primeira pessoa, aborda o tema do amor entre Bentinho e Capitu, que se conheceram ainda crianças, tornaram-se namorados, casaram-se e tiveram um filho, Ezequiel. Capitu era filha de uma família pobre; Bentinho pertencia a uma família economicamente bem situada. Assim como a família Vale, do romance *Helena*, os Santiagos representavam a elite econômica do Rio de Janeiro. Pedro de Albuquerque Santiago, pai de Bentinho, além de deputado, tinha sido fazendeiro e deixado uma herança significativa para a família:

Minha mãe era uma boa criatura. Quando lhe morreu o marido, Pedro de Albuquerque Santiago, contava 31 anos de idade, e podia voltar para Itaguaí. Não quis; preferiu ficar perto da igreja em que meu pai fora sepultado. Vendeu a fazendola e os escravos, comprou alguns que pôs ao ganho e alugou, uma dúzia de prédios, certo número de apólices, e deixou-se estar na casa de Matacavalos, onde vivera os dois últimos anos de casada. Era filha de uma senhora mineira, descendente de outra paulista, a família Fernandes.¹⁵

Além da condição de proprietário, o narrador nos informa sobre sua ascendência familiar, fundada em nomes e sobrenomes – uma distinção relevante para algumas pessoas no Brasil, ainda nos dias atuais. Bento Santiago (o Bentinho) e Estácio são personagens pertencentes à classe dominante, que sempre se reconheceu detentora de direitos “legítimos” advindos dessa condição. Uma dessas prerrogativas consiste no exercício pleno de suas vontades e no domínio sobre os outros.

Foi nesse mundo de fantasias caprichosas que tanto Helena como Capitu tiveram seus destinos traçados. As duas personagens tiveram que exercitar a capacidade de se adaptar à vontade dos outros para conseguir transpor o muro das desigualdades. A primeira buscou atender às expectativas daqueles que a acolheram na família Vale: “O que a tornava superior e lhe dava probabilidade de triunfo era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a toda a casta de espíritos, arte preciosa, que faz hábeis os homens e estimáveis as mulheres”¹⁶. Com a segunda, não foi diferente; Capitu, tendo consciência dos obstáculos sociais que a separavam da família Santiago, a partir de manobras conscientes, se aproxima da mãe de Bentinho, D. Glória, de quem todos dependiam, no intuito de reduzir a resistência que alguns membros da família tinham em relação a ela.

Essas relações de sujeição e submissão se estenderão da esfera pessoal para a amorosa, tanto entre Helena e Estácio como entre Capitu e Bentinho. E aqui, talvez, esteja um importante ponto de interseção entre as duas obras.

Na relação de Estácio com Helena, o que fica evidente para o leitor, desde o início da trama, é que a moça, de dezesseis a dezessete anos, deveria se sujeitar às vontades e desejos de seu “ir-

¹⁵ ASSIS, Machado de, 1981, p. 13.

¹⁶ ASSIS, Machado de, 2018, p. 88.

mão”. Isso é facilmente identificado no romance, a começar pelas cenas de passeio a cavalo que Helena gostava de fazer todas as manhãs. Já na primeira vez que eles saem para passear, ela chega a dizer que não sabia montar só para dar a Estácio um gosto de superioridade¹⁷. Se, num primeiro momento, essa situação pode parecer “divertida” para a protagonista, num segundo, à medida que a relação entre eles se intensifica, esse sentimento de superioridade reconhecido no rapaz, que não abria mão de seus direitos de classe, se potencializa até chegar ao ciúme (direito de posse). Esse sentimento ocupa a vida de Estácio de forma tão intensa que ele chega a decidir o destino de sua “irmã”.

Apesar da abordagem ser completamente diferente, não é esse um dos traços mais distintivos de *Dom Casmurro*? Não é o ciúme que se apodera de Bentinho a ponto dele querer assassinar a esposa por uma suspeita que não chega a ser confirmada? Não é esse sentimento, associado à noção de poder, que leva o moço bem-educado, instruído, pertencente a uma família rica, dotado de valores cristãos, a não reconhecer a voz de sua companheira, chegando a levá-la para outro país e mantendo um relacionamento de aparências para não ver a sua figura pública abalada?

Tais questionamentos podem ser, igualmente, feitos acerca da trama do romance publicado por Machado de Assis em 1876. Embora esse livro tenha sido escrito numa circunstância bem diversa da de *Dom Casmurro*, “cada obra pertence ao seu tempo”¹⁸, não seria demasiado afirmar que o autor, nele, de forma audaciosa, apresenta algumas características que serão retomadas e desenvolvidas em sua produção literária da fase madura – que, diga-se, será também um aspecto da ficção do século XX. Entre essas características, pode-se assinalar, ainda que de maneira adjacente, a análise psicológica do conturbado personagem Es-

tácio¹⁹, principalmente no tocante ao drama vivido por ele em relação ao amor incestuoso que nutria pela “irmã”.

Dito isso, faz-se necessário voltar ao início deste texto e retomar a provocação inicial: por que ler Machado de Assis hoje? Ler a obra de Machado de Assis se faz importante, num primeiro momento, como parte do dever de educar as gerações atuais e futuras dentro da cultura letrada, na tradição literária brasileira, de modo a formar jovens e adultos capazes de atuar no mundo cultural, político e econômico. Para além desses pressupostos básicos, vale acrescentar que os livros do autor de *A mão e a luva* colocam o leitor diante da história cultural brasileira. A partir de seus escritos, é possível entrar em contato com um Brasil, aquele que muitas vezes foi silenciado por vozes da classe dominante, autoritária, mantenedora de privilégios, que nunca conseguiu enxergar para além de sua condição socioeconômica. Em outras palavras, trilhar o caminho mapeado por Machado de Assis em suas obras equivale a uma tentativa de compreender o processo de formação cultural brasileiro. Espera-se que o leitor, ao entrar em contato com a obra machadiana, seja capaz de realizar leituras mais complexas e de se colocar como homem do seu tempo e de seu país. Por último, é importante acrescentar que o leitor há sempre de encontrar horas de fruição prazerosa ao ler algumas das páginas admiráveis escritas por Machado de Assis.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2002.

ASSIS, Machado. *50 contos de Machado de Assis*. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁸ ASSIS, Machado de, 2018, p. 43.

¹⁹ Cf. SCHWARZ, Roberto, 1988, pp. 100-9.

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. São Paulo: Abril, 1981.

ASSIS, Machado. *Helena*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Marta de Sena, Marcelo Diego. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GLEDSON, John. *Papéis avulsos: um livro brasileiro?*. Prefácio. In: ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020.

OLIVEIRA, Gracinéa I. A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho”. *Machadiana Eletrônica*, Vitória/ES, v. 4, n. 7, p. 107-140, jan./jun. 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

SCHWARZ, Roberto. A poesia envenenada de *Dom Casmurro*. In: SCHWARZ, Roberto. *Dois meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHWARZ, Roberto. O paternalismo e a sua racionalização nos primeiros romances de Machado de Assis. In: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1988. p. 63-112.

TEIXEIRA, Ivan. Pássaros sem asas ou a morte de todos os deuses: uma leitura de *Papéis avulsos*. Prefácio. In: ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

O CICLO DOS CLÁSSICOS

Ana Paula Vasconcelos

Um clássico tem o poder de trazer uma experiência diferente em todas as vezes que o leitor o rememora. Quando criança, *Alice no País das Maravilhas* (1865) era o meu livro preferido, e os motivos eram óbvios: a narrativa em um mundo completamente diferente e maluco, cheio de fantasias e gatos sorridentes. Na adolescência, passei a me interessar por história e pelo estudo da literatura, então resolvi pegar meu antigo livro preferido e relê-lo. Consequentemente, outras razões surgiram: a política da época em que foi escrito é retratada por meio da rainha de Copas; e outras críticas sociais que se viam escondidas nas páginas. Hoje, cursando Letras, me encontrei novamente com a obra – durante as aulas de Estudos de Linguagem, me senti instigada a reler mais uma vez e descobri o que poderá ser um dia parte do meu TCC.

Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo.²⁰

Ao ler *Helena* (1876), de Machado de Assis, tive uma experiência semelhante à anteriormente mencionada. A primeira impressão, quando eu era mais jovem, foi carregada de raiva e indignação por tudo o que a protagonista passou para ter ainda um final trágico, e só.

Hoje, ao relê-lo, sigo com os mesmos sentimentos, porém, com um olhar crítico: o de que a escolha de Helena tem a ver com a condição social em que ela se encontrava, com o quanto insuportável era o *status* de agregada naquele contexto. Há uma

regra dentro dessa dinâmica familiar que reforça incessantemente o traço patriarcal, e tudo em um contexto escravocrata e de conturbações políticas. São percebidos também alguns elementos interessantes, como o traço de dissimulação de Helena, o impasse de não sabermos se o que acontece entre ela e Estácio é incesto ou não. Machado é mestre em incitar, no leitor, a perspectiva de um enigma. Como Calvino afirma, “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)”²¹.

Em *Dom Casmurro* (1899), tive a mais brusca mudança de pensamentos durante a releitura. Com a perspectiva de Bentinho, é tentador (e fácil) para um leitor que tem ainda um senso comum, e nada crítico, acreditar em suas palavras, e foi o que aconteceu comigo inicialmente.

Para ter uma experiência completa ao ler *Dom Casmurro*, é preciso deixar de lado a perspectiva de julgamento, já que o grande enigma da narrativa é o sentimento de ciúme, a possibilidade da dúvida. O processo ambíguo de recepção da obra está justamente na percepção de que existe, no relato de Bentinho, o narrador da história, o movimento de uma visão acusatória. A perspicácia do leitor se dá ao entender que a condução do processo narrativo do romance não é para o desígnio da sedução de Bentinho (ou de Capitu), mas para a percepção daquilo que ele deixa de maneira hesitante. Existe uma tensão maior sob o processo da dúvida, levando em conta que o protagonista é extremamente ciumento, e que não é papel do leitor se colocar no lugar de juiz, mas entrar no jogo da dúvida.

¹⁸ CARROLL, Lewis, 2010.

¹⁸ CALVINO, Italo, 1991.

Um ponto notável em ambas as obras machadianas é a inquietação na alma das personagens: após descobrir que Salvador era seu pai, Helena projeta um olhar sobre Estácio:

Esvaira-lhe o sorriso, e o olhar tornara a ser opaco. Estácio teve medo daquela atonia e concentração; travou-lhe do braço; a moça estremeceu toda e olhou para ele. A princípio foi esse olhar um simples encontro, mas dentro de alguns instantes era alguma coisa mais. Era a primeira revelação, tácita mas consciente, do sentimento que os ligava. Nenhum deles procurara esse contato de suas almas, mas nenhum fugiu.²²

Esse traço é semelhante à narrativa de *Dom Casmurro*, quando Bentinho começa seu frenesi depois do enterro de Escobar, dizendo que Capitu o olhou com um olhar de desdém e desprezo. A dinâmica do olhar é um traço bastante importante nessa configuração, enquanto em *Helena*, um é mais explícito (do entreolhar-se) e representa o fim, em *Dom Casmurro*, é o começo, como quando Bentinho pede a Capitu para que pudesse ver seus olhos – frase, inclusive, que faz referência a *Otelo*, “Deixe-me ver seus olhos”.

Olhos de ressaca? [...] Traziam não sei que fluido misterioso e energético, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me.²³

²² ASSIS, Machado de, 1975.

²³ ASSIS, Machado de, 1975, p. 64

Se pensarmos pela ótica social do feminino, Helena e Capitu eram donas de uma inteligência e refinamento sem igual, Helena, em termos de educação formal, ainda mais que Capitu, e o próprio traço de uma grande generosidade e gentileza. Há detalhes nas narrativas que aproximam as personagens, um sentimento de que ambas são donas de si, o que é reforçado no decorrer das histórias. Enquanto Capitu era astuta, Helena tinha mais sutileza, como quando ela se estremece e chora, esvaziando todas as suas tensões no grau de desespero a que chega, depois da chantagem de Camargo.

Já Capitu tem mecanismos de maior evasão desses comportamentos, isso é claro quando, por exemplo, ela incita Bentinho chamando-o de *papa-missas*, provocando-o com várias artimanhas, e até questionando se ele seria capaz de escolher entre ela e a mãe dele.

Analisando tudo isso, quando paramos para pensar que se trata de obras escritas há mais de cento e cinquenta anos, o choque é ainda maior. Machado foi um escritor à frente de seu tempo, e seus clássicos se tornaram atemporais, capazes de permear e mudar o ciclo da vida de quem os lê, tal qual *Alice* foi para mim. Além de todo o aprendizado literário, histórico e crítico que pode ser tirado das obras machadianas, há ainda tudo o que a experiência em si (tanto para uma leitura quanto para uma releitura) proporciona, tornando cada vez melhor. Para melhor ilustrar isso, cito a minha frase preferida do clássico de Lewis Carroll: “‘Eu poderia lhes contar minhas aventuras... começando por esta manhã’, disse Alice um pouco tímida; ‘mas não adianta voltar a ontem, porque eu era uma pessoa diferente lá’”²⁴.

Se nós, durante o ciclo de nossas vidas (ou até um único dia), não permanecemos os mesmos, quem dirá os clássicos lidos por

²⁴ CARROLL, Lewis, 2010, p. 115.

nós. Eles mudam, se moldam e transformam, de acordo com a fase em que nos encontramos, e nos revelam mais e mais coisas que não sabíamos (ou poderíamos saber) na primeira leitura, assim formando um ciclo infinito.

Por fim, faço uma pergunta: e por que *não* ler Machado de Assis hoje?

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Helena*. Edições críticas de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Antofágica, 2020.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Edição de bolso. São Paulo: Zahar, 2010.

RETRATO CRÍTICO DO REAL

Camila Michel e
Marina Araújo

*O Dom Casmurro também parece não retratar outra coisa: um primeiro ensaio desastroso de mudança no plano do microcosmo familiar, equivalente ao que se passou no macrocosmo da vida política e institucional.*²⁵

Machado de Assis elabora, em muitos de seus romances, enredos fundados num drama caracterizado pela problemática patriarcal da sociedade brasileira em que vivia. O resultado é um compilado de obras que nascem do conflito de classes e pintam um retrato crítico do contexto social da época.

A obra *Dom Casmurro*, de 1899, é um bom exemplo desse movimento. Isso porque pode ser lida de três formas diferentes, como apresentado por Roberto Schwarz em “A poesia envenenada de Dom Casmurro”, de 1991:

O livro, assim, solicita três leituras sucessivas: uma, romanesca, onde acompanhamos a formação e decomposição de um amor; outra, de ânimo patriarcal e policial, à cata de prenúncios e evidências do adultério, dado como indubitável; e a terceira efetuada a contracorrente, cujo suspeito e logo réu é o próprio Bento Santiago, na sua ânsia de convencer a si mesmo e ao leitor da culpa da mulher.²⁶

A terceira leitura suscita um leitor que foca no caráter de Bentinho, considerando as escolhas do narrador e as diferentes formas como estas impactam na imagem criada das outras personagens e modificam a visão que o leitor tem da obra.

Partindo do movimento de questionar tais escolhas, embarcamos, com Luiz Roncari, na percepção de uma opção feita pelo próprio Machado de Assis, a de escolher Bento Santiago como

²⁵ RONCARI, Luiz, 2004, p. 85.

²⁶ SCHWARZ, Roberto, pp. 85-6.

narrador: “A pergunta que fiz e que orientou meu ensaio foi esta: por que Machado escolheu Bentinho para ser o narrador e dar a sua versão dos fatos e não outra personagem qualquer, como Capitu, por exemplo?”²⁷.

O personagem principal é um homem burguês, nascido em família tradicional ao modelo patriarcal da época:

No centro está o proprietário mais considerável – inicialmente Dona Glória – cercado de parentes, dependentes, aderentes e escravos, todos mais ou menos atados à vontade e aos obséquios daquele. A dominação toma forma de autoridade paternal, e a subordinação, de respeito filial, ambas tingidas de devoção religiosa, já que o bom exemplo vem da relação com Deus Padre.²⁸

Filho de Dona Glória, Bento é, por herança, o novo *senhor*. Em contraste com sua vida de posses, temos seu par romântico e antagonista, Capitu. Para além da representação no momento histórico, há um movimento de quebra desses padrões patriarcais, representados pelo casamento entre Bento e Capitu:

Quando Santiago se casa com Capitu, fá-lo seguindo apenas as suas inclinações pessoais e contraria tudo o que seria próprio da ordem patriarcal: não realiza alianças de famílias nem de fortunas, não poderia esperar um dote de Capitu, uma das instituições mais fortes da vida social brasileira.²⁹

Essa movimentação não é apenas interna à história do casal, mas é uma realidade que se apresentava na sociedade de modo geral:

²⁷ RONCARI, Luiz, 2004, p. 83.

²⁸ SCHWARZ, Roberto, 1991, p. 91.

²⁹ RONCARI, Luiz, 2004, p. 93.

A ação do romance se passa nos anos que vão de 1858 [...], até pouco depois de 1872 [...]. Esse tempo coincide com a “ressaca” não a dos olhos de Capitu, mas a do que se chamou de Era de Mauá, período febril de especulações financeiras e iniciativas empresariais, graças aos capitais liberados pela extinção do tráfico de escravos, que Sérgio Buarque de Holanda assim resumiu: “Eram dois mundos distintos que se hostilizavam com rancor crescente, duas mentalidades que se opunham como ao racional se opõe ao tradicional, ao abstrato o corpóreo e o sensível, o cidadão e cosmopolita ao regional e paroquial”. Porém, tudo não passava ainda de um primeiro ensaio, que terminou em bancarrotas e crises, como a de 1864, assim também sintetizada por Sérgio Buarque de Holanda: “Essa crise foi o desfecho normal de uma situação rigorosamente insustentável nascida da ambição de vestir um país ainda preso à economia escravocrata, com os trajes modernos de uma grande democracia burguesa”.³⁰

Em suma, o movimento literário de Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, não pode se resumir à história do casal, visto que se trata de uma elaboração documental e histórica, na qual suas personagens incorporam seus locais sociais e vivem de forma a criticar e exemplificar os diferentes embates sociopolíticos vividos.

Por que reler Machado de Assis

A razão para a leitura de Machado de Assis, por muitas vezes, parte da obrigatoriedade. A leitura de seus romances sempre é levantada na vida acadêmica, dada sua importância para a construção da literatura brasileira. Machado foi um dos poucos romancistas que alcançaram em vida o título de maior escritor do

país. Essa leitura obrigatória, entretanto, se for imposta a um leitor que não possui maturidade suficiente, pode levar à repulsa; sendo assim, para esses leitores, por que é importante ler Machado de Assis?

Os romances machadianos são realmente complexos e, por isso, demandam um público que consiga se atentar não somente à narrativa principal, mas às nuances que se escondem nos textos, sejam elas críticas ou referências. Machado, com sua escrita polivalente, cria diferentes leituras e, por isso, alguém que o leu no início de sua adolescência, por exemplo, não irá reler Machado quando adulto, mas lê-lo novamente.

Devido à sua narrativa multifacetada, é possível traçar caminhos de leitura dentro das obras de Machado de Assis, o que torna sua escrita tão interessante e particular. Ela é provocadora: ao mesmo tempo em que critica a sociedade, lida com tabus e utiliza suas características mais sórdidas para construir as personagens (dentre elas, o próprio leitor), instiga o leitor a dedicar-se à leitura, exige que ele compreenda processos de escrita e sociais, que conheça referências tidas como eruditas.

Além das diferentes leituras no exercício da fruição, mesmo que em pesquisas de teor acadêmico, Machado nunca se esgota, o que o torna um objeto fascinante para estudo. Tomemos, por exemplo, Roberto Schwarz e John Gledson: ambos os críticos tomaram um mesmo caminho na análise dos romances machadianos – a representação social nas narrativas de Machado de Assis – e, ainda assim, chegaram a interpretações distintas. “Na ótica de Schwarz, a obra de Machado é interpretada como um comentário ‘estrutural’, por assim dizer, sobre a sociedade brasileira do século XIX [...]. Gledson, por outro lado, está mais preocupado em perseguir o movimento da história nos escritos de Machado [...]”³¹

³⁰ RONCARI, Luiz, 2004, pp. 84-85.

³¹ CHALHOUB, Sidney, 2003, p. 17.

Ou seja, para Schwarz, Machado critica a sociedade a partir de seus textos, enquanto que, para Gledson, o autor desenvolve um retrato da sociedade e das mudanças que ocorrem nela, sendo assim, as críticas se tornam implícitas, necessitando de uma leitura mais atenciosa.

Considerações finais

Não há apenas um motivo para ler Machado de Assis.

O autor canônico é um pré-requisito para diferentes estudos literários e se faz presente na trajetória acadêmica de todos os brasileiros, pois estes têm contato com sua obra durante todo o ensino fundamental e médio.

Para além do estudo, Machado pode ser lido em fruição, sem nenhuma necessidade de aprofundamento ou questionamento. Ou, ainda, pode ser este notado como inspiração e influência passada em diferentes e inúmeras outras obras, já que seu olhar inusitado, crítico e atento inspira diferentes autores.

A coletânea de obras machadianas é vasta e gera, atualmente, inúmeros trabalhos e estudos a respeito das diferentes formas de se ler o autor, que se mostra imensamente rico e não se esgota facilmente.

O questionamento, em si, não deveria se bastar em *por que ler Machado de Assis?*, mas suscitar uma escolha ativa sobre as diferentes formas de ler o autor e uma busca incessante pelo treinamento dos olhos para, como leitor, procurar sempre onde está Machado em obras terceiras.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Brasília/DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. *E-book* (199 p.). Disponível em: https://livraria.camara.leg.br/index.php?route=product/product&path=2_25&product_id=300. Acesso em: nov. 2020.

CHALHOUB, Sidney. Paternalismo e escravidão em Helena. In: CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 17-57.

RONCARI, Luiz. Dom Casmurro e o retrato do país. In: COELHO, Marcia; FLEURY, Marcos (org.). *O bruxo do Cosme Velho: Machado de Assis no espelho*. São Paulo: Alameda, 2004, pp. 79-99.

SCHWARZ, Roberto. A Poesia Envenenada de Dom Casmurro. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 1, n. 29, pp. 85-97, mar. 1991.

**O OLHAR E A
CONSTRUÇÃO
CRÍTICA NA
LITERATURA
MACHADIANA:**

Helena e Dom Casmurro

Fernanda Cristiane Monteiro

*Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-las pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-las.*³²

Um escritor além do seu tempo, um gênio e um dos maiores nomes da literatura brasileira, Machado de Assis ou o *Bruxo do Cosme Velho*, como é apelidado por Carlos Drummond de Andrade, “estás sempre aí, bruxo alusivo e zombeteiro” com sua literatura marcante e relevante na contemporaneidade, devido aos registros de uma leitura de conflitos e emoções que movem uma sociedade ou um indivíduo. Portanto, ao considerar como Machado nos deixou um legado através dessa leitura de mundo, faz-se necessário refletir o modo, a experiência em que o leitor se aprofunda em sua leitura e, por consequência, como esses fatores a influenciam. Portanto, este texto tem por objetivo trazer reflexões sobre a relação entre a complexidade construtiva das narrativas nos romances *Helena* (1876) e *Dom Casmurro* (1899), e aspectos relacionados ao que seria um leitor machadiano.

O romance *Helena* começa com a morte de conselheiro Vale, dando início ao conflito central da história com o reconhecimento de uma filha concebida fora do casamento, a qual, pela vontade do conselheiro determinada no testamento, deveria ser tratada pela família “com desvelo e carinho, como se de seu casamento fosse”³³. Da mesma forma, o romance tem como desfecho outra morte, a de Helena, após revelar-se a verdade sobre sua origem. Nesse contexto, percebe-se que Machado de Assis projeta costumes da sociedade patriarcal do século XIX e suas mazelas às ocultas da imagem tradicional da família cristã, partindo “[...] da apropria-

ção irreverente, desviante, da tradição literária, para se contrapor às certezas dominantes em seu próprio tempo[...]”³⁴. Além disso, as relações assimétricas existentes nos enredos machadianos, mencionadas por Alfredo Bosi, tais como as relações intrafamiliares que compõem o romance *Helena*, espelham a obscuridade da desigualdade social em uma perspectiva crítica. Diz o autor: “Não há romance de Machado que não colha algum aspecto ostensivo ou alguma dobra mal escondida desse tecido de fios existenciais cuja regra geral é a disparidade”³⁵.

Devido a isso, Machado nem sempre foi compreendido pelos críticos e escritores de sua época, o que não impedia, porém, o reconhecimento de sua genialidade como escritor. Os detalhes de suas narrativas escondem aspectos que “exigem do leitor não só o domínio de um repertório vasto de referências, mas também a capacidade de lidar com procedimentos narrativos complexos”³⁶. A exemplo disso, no romance *Helena*, Machado explora, com maestria, esse repertório de referências, quando compara a teoria de Goethe com a feminilidade das curvas de Helena observadas por Mendonça: “Goethe escreveu um dia que a linha vertical é a lei da inteligência humana. Pode dizer-se, do mesmo modo, que a linha curva é a da graça feminil. Mendonça o sentiu, contemplando o busto de Helena e a casta ondulação da espádua e do seio, cobertos pela cassa fina do vestido”³⁷.

Portanto, nesse trecho, o autor, além de trazer o romancista J.W. Goethe – a quem referencia em várias de suas obras –, também faz uma notável menção à linha da beleza, teoria de William Hogarth, propondo que a linha curva é responsável pela graça da beleza na arte. Assim, Machado transpõe, na obra, tais

³² CALVINO, Italo, 2004.

³³ ASSIS, Machado de, 1979, p. 20.

³⁴ FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de, 2010, p. 102.

³⁵ BOSI, Alfredo, 2007, p. 153.

³⁶ GUIMARÃES, Hélio de Seixas, 2016, p. 233.

³⁷ ASSIS, Machado de, 1979, p. 95.

referências para descrever a graça das curvas femininas e delicadas de Helena.

É perceptível também, outra referência no trecho em que o escritor descreve Mendonça. Machado atribui ao personagem características de lugares parisienses, proporcionando ao leitor, dessa forma, uma expansão ampla de leitura fora dos limites de um continente. “Mendonça era da mesma estatura que Estácio, um pouco mais cheio, ombros largos, fisionomia risonha e franca, natureza móbil e expansiva. Vestia com o maior apuro, como verdadeiro parisiense que era, arrancado de fresco ao *grand boulevard*, ao café Tortoni e às récitas do Vaudeville.”³⁸

Diante desse aspecto, talvez as referências pudessem passar despercebidas, ou não transferir qualquer relevância para a história. Contudo, a leitura se torna uma experiência mais rica e completa ao leitor machadiano atento a tais detalhes que Machado incorpora no enredo.

Além disso, no que tange às narrativas complexas, notam-se, nos diálogos entre as personagens Helena e Estácio, determinadas nuances que exigem uma leitura de maior criticidade e talvez uma compreensão, por parte do leitor, acerca do contexto histórico em que ocorre o enredo. Tal percepção refere-se aos constantes questionamentos da personagem Helena sobre os pensamentos paternalistas marcados no discurso de Estácio, como pode ser identificado no capítulo VI, quando ambos saíram a cavalgar pela primeira vez. Estácio se coloca como independente absoluto por possuir uma fortuna e, dessa forma, estar numa posição de dominação, enquanto o homem escravizado encontra-se em uma situação exclusivamente de submissão à escravidão moral. Diante disso, Helena apresenta um ponto de vista externo ao do idealismo senhorial. Afirma Chalhoub: “Há valores, conceitos, formas

³⁸ ASSIS, Machado de, 1979, p. 67.

de interpretar a realidade que negam, ou pelo menos relativizam, a ideologia de Estácio”³⁹. Helena demonstra tais valores e conceitos no trecho a seguir:

— Tem razão, disse Helena: aquele homem gastará muito mais tempo do que nós em caminhar. Mas não é isto uma simples questão de ponto de vista? A rigor, o tempo corre do mesmo modo, que o desperdicemos, quer o economizemos. O essencial não é fazer muita coisa no menor prazo: é fazer muita coisa aprazível ou útil. Para aquele preto o mais aprazível é, talvez, esse mesmo caminhar a pé, que lhe alongará a jornada, e lhe fará esquecer o cativo, se é cativo. É uma hora de pura liberdade.⁴⁰

Enquanto em *Helena* é abordado o tema das relações sociais e seus dilemas, em *Dom Casmurro*, além das relações sociais exploradas e tensionadas na obra, Machado explora também, com grande intensidade, as complexidades das emoções de um indivíduo. A obra, considerada pertencente ao período realista, apresenta o ciúme como o grande mal do ser humano. Bento Santiago, o personagem narrador desse enredo, relata acontecimentos da infância e da adolescência com sua melhor amiga e sua grande paixão, Capitu, e seus “olhos de ressaca”. Bentinho, como um advogado diante de um tribunal, quer atrair o leitor e convencê-lo de que Capitu o traiu.

Roberto Schwarz, em “A poesia envenenada de Dom Casmurro”, menciona a leitura conformista, que consiste no fato de o leitor se deixar seduzir pelos relatos de Bentinho: “Se a viravolta crítica não ocorre ao leitor, será porque este se deixa seduzir pelo prestígio poético e social da figura que está com a palavra”⁴¹. Além disso, o

³⁹ CHALHOUB, Sidney, 2003, p. 30.

⁴⁰ ASSIS, Machado de, 1979, p. 46.

⁴¹ SCHWARZ, Roberto, 1991, p. 86.

diálogo que o narrador estabelece com o leitor, no decorrer de todo o livro, é um ponto interessante a se considerar na leitura, como afirma Hélio de Seixas Guimarães: “O leitor passa a ser ideia fixa dos narradores, constituindo um dos centros nervosos de um universo ficcional em que é constantemente invocado, interpelado, e não raro, agredido pelo narrador”⁴².

Dessa maneira, Machado, ao tornar o leitor parte integrante de sua narrativa, proporciona uma proximidade entre ambos que poderá contribuir facilmente ao convencimento. Bentinho constantemente evoca o leitor, como se estivesse em uma conversa casual entre dois amigos: “Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com as das que enfiei ontem”⁴³. Após tal relato, localizado no capítulo LIX, sobre sua memória falha, Bentinho envolve o leitor em uma das suas estratégias de convencimento:

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todas me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista. É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.⁴⁴

⁴² GUIMARÃES, Hélio de Seixas, 2016, p. 232.

⁴³ ASSIS, Machado de, 2016.

⁴⁴ ASSIS, Machado, 2016.

O narrador utiliza um conjunto de modos favoráveis ao convencimento, além do uso cuidadoso das palavras e do diálogo com o leitor. Perante uma leitura conformista, as memórias narradas certamente conquistarão a compaixão do leitor: “Como é natural, o leitor de coração bem-formado tomar o partido dos namorados, contra o seminário e contra as intrigas familiares, ou seja, o partido das Luzes, contra o mito e a injustiça”⁴⁵.

Diante dos aspectos constitutivos das obras de Machado de Assis, é possível que o leitor seja parte de uma das chaves desse enigma, visto que, afinal, talvez não importe se Capitu traiu Bentinho ou não, mas sim como o leitor interpretará, de forma crítica, o enredo envolvente de Machado. Diante disso, a leitura exige uma visão crítica por parte do leitor, como afirma Hélio de Seixas Guimarães: “há um movimento nas profundezas do texto que supõe – talvez fosse melhor dizer, exige –, pela complexidade mesma da composição dos romances, um leitor cada vez mais preparado, exigente, crítico, reflexivo...e mais raro”⁴⁶.

Considerações finais

Ao refletir acerca dos aspectos complexos e críticos que compõem a narrativa de Machado de Assis, nos romances *Helena e Dom Casmurro* e o lugar do leitor machadiano, no interior dessa literatura, há de se considerar, o leitor como portador de conhecimento, de experiência literária e de vida. Tais fatores são relevantes para um melhor aproveitamento da leitura das obras machadianas. Isto não quer dizer que a literatura de Machado não seja indicada a qualquer leitor, ao contrário, é interessante sempre um primeiro contato. Entretanto, é provável que não haja, nessa primeira leitura, um entendimento sobre o que o autor preten-

⁴⁵ SCHWARZ, Roberto, 1991, p. 88.

⁴⁶ GUIMARÃES, Hélio de Seixas, 2016, p. 233.

de expressar. Dessa forma, torna-se imprescindível uma releitura ou, até mesmo, uma primeira leitura amadurecida, de tal maneira que, com uma experiência literária vasta, uma visão crítica mais aguçada e uma riqueza de conhecimentos adquiridos, o leitor possa apreciá-las em suas melhores condições. Ademais, a literatura machadiana é constituída de uma riqueza de leitura do mundo. Assim Drummond se refere a Machado: “Outros leram da vida um capítulo, tu leste o livro inteiro”. É possível, então, que o leitor, através das obras machadianas, conheça, ao longo de suas experiências, a genialidade dessa leitura.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *Helena*. São Paulo: Editora Egéria LTDA, 1979.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Brasília/DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. *E-book* (199 p.). Disponível em: https://livraria.camara.leg.br/index.php?route=product/product&path=2_25&product_id=300. Acesso em: nov. 2020.
- BOSI, Alfredo. Uma hipótese sobre a situação de Machado de Assis na literatura brasileira. In: BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, pp. 149-64.
- CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. In: CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 7-16.
- CHALHOUB, Sidney. Paternalismo e escravidão em Helena. In: CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 17-57.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. O legado de Machado de Assis. In: FANTINI, Marli (org.). *Machado e Rosa: leituras críticas*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2010, pp. 91-102.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Figurações do leitor no romance de Machado de Assis. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Machado de Assis: lido e relido*. Campinas: Editora Unicamp, 2016, pp. 231-45.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. A um bruxo, com amor. In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas (Org.). *Amor nenhum dispensa uma gota de ácido: escritos de Carlos Drummond de Andrade sobre Machado de Assis*. São Paulo: Três Estrelas, 2019.

SCHWARZ, Roberto. A poesia envenenada de Dom Casmurro. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 1, n. 29, p. 85-97, mar. 1991. Disponível em: <<http://novosestudos.com.br/produto/edicao-29/>>. Acesso em: nov. 2020.

A NARRATIVA MACHADIANA:

o leitor como
explorador de
perspectivas

Iara Mendes dos Santos

O legado e a importância de Machado de Assis são inquestionáveis. A fortuna crítica da sua obra passa por diversos campos teóricos, o que demonstra quão amplo e variado é o campo de interpretação do seu trabalho. Um dos traços marcantes da escrita do autor é o diálogo que seus narradores têm com os leitores. A abordagem pessoal e íntima convida o leitor a interagir com o texto.

Sendo interpelados diretamente ou não, os leitores encontram, nas obras do autor, histórias que dizem muito mais do que se aparenta. O grande número de personalidades e cenários mostra o interesse que as ações e situações do cotidiano despertavam no escritor. Para além da representação da sociedade oitocentista, o comportamento humano serve como motivo e meio pelo qual o autor vai experimentar vozes narrativas que desafiam a percepção do leitor.

O convite transforma o leitor em um agente duplo no texto: ora é espectador, ora é personagem. Roland Barthes, em *O rumor da língua* (2004), diz que o leitor deixa-se atravessar pela linguagem e se torna a travessia da linguagem, num jogo de construção de sentidos. É em meio a esse jogo que o leitor machadiano se vê hesitante e adentra as narrativas para buscar sentidos que vão além dos apresentados.

O olhar narrativo

Os romances de Machado de Assis são notoriamente conhecidos e marcados pelas vozes dos narradores. Mais do que trabalhar os vários focos narrativos, Machado conduz o leitor a observar o inventário que faz da vida humana em seus livros. Isso tudo, é claro, com uma prosa envolvente e ambígua. Alfredo Bosi, em *O enigma do olhar* (2007), busca compreender os olhares e perspectivas com os quais Machado constrói e relata seus objetos. Para Bosi, o olhar tem a vantagem de ser móvel. Um exemplo dessa mobilidade está presente no livro *Helena*, que possui um enredo

repleto de personagens complexos que estão constantemente negociando seu futuro com as normas sociais. É nessa negociação que a protagonista Helena, em conversa com o personagem Estácio, relata: “é que sou uma pobre alma lançada num turbilhão”⁴⁷. Ao anunciar que está em um turbilhão, Helena informa ao leitor o estado de sua alma e, ao mesmo tempo, adianta o ritmo que a história tomará.

Partindo dos pontos de vista dos narradores de *Helena* e de *Dom Casmurro*, podemos observar como Machado constrói um apanhado do comportamento humano. É na escolha do que revelar e do que ocultar que os narradores vão apresentando para os leitores os aspectos que compõem a trama, os valores e ideias que movem as personagens. Nessa perspectiva, é interessante notar como o narrador descreve, no romance *Helena*, o relacionamento do personagem Estácio com Eugênia: “A condição não era fácil, porque o sentimento que ele nutria em relação a Eugênia tinha alternativas de tibieza e fervor. A causa disso pode crer-se estava também em seu coração; mas principalmente residia nela”⁴⁸.

Podemos observar, nesse ponto, que o narrador nos leva a pensar que a causa da oscilação de sentimentos de Estácio residia principalmente em Eugênia. Entretanto, em outro momento, após um desentendimento com Eugênia, o rapaz sente remorso pelo acontecimento que o levou a não ir adiante com o pedido de casamento. Na ocasião, o narrador diz que o amor de Estácio “cresce e afirma-se na ausência”⁴⁹ e que, ao olhá-la de longe, via-a através da imaginação. Ou seja, Estácio, quando distante da amada, a idealiza e sente culpa por não tratá-la da forma que acredita ser a certa. Mas quando a encontra, não concorda com o comportamento

⁴⁷ ASSIS, Machado de, 2016a, p. 260.

⁴⁸ ASSIS, Machado de, 2016a, p. 246.

⁴⁹ ASSIS, Machado de, 2016a, p. 250.

da moça. Em um momento à frente, Helena chega a dizer que Estácio acha que amar é uma fraqueza. Ao reunir todos esses olhares e interpretações para si, Estácio se mostra uma pessoa fraca, que não consegue se impor e decidir o que quer, o que o deixa preso às convenções sociais. Esse entendimento só é possível se observarmos como o narrador compreende e descreve essa personagem.

É também com os movimentos de aproximação e distanciamento que o olhar machadiano envolve e revela a ambiguidade não só das personagens, mas também dos narradores. Pode-se observar esse movimento em *Dom Casmurro* quando o personagem, e também narrador, Bentinho, ao assistir a encenação da peça *Otelo*, de Shakespeare, traça um paralelo entre a personagem Desdêmona e Capitu, pontuando que, diferente do que acontece na peça, na vida real Capitu é, sim, culpada por tê-lo traído. Mesmo tendo a peça como exemplo, Bentinho se mantém convicto quanto à infidelidade da esposa. A ambiguidade da obra reside principalmente no fato de ser narrada em primeira pessoa, o que nos leva a ter somente um ponto de vista como referência. É apenas pelo olhar ferido do narrador-personagem que temos contato com os acontecimentos. É com esse entendimento que Hélio de Seixas Guimarães⁵⁰ nos convida a ter uma postura não só reflexiva, mas também crítica diante dos narradores machadianos. Se só temos um ponto de vista como fonte de informação, é possível confiar integralmente no que é apresentado? É para isso que Hélio nos alerta, é preciso tentar compreender até que ponto o narrador não está interferindo e alterando os acontecimentos para moldar a opinião do leitor.

Ainda em *Dom Casmurro*, encontramos diversos relatos por parte do narrador-personagem Bentinho que provocam em nós essa postura mais crítica. No último capítulo do livro, Bentinho tenta compreender se a Capitu, que ele acredita tê-lo traído, já existia

na Capitu menina da sua infância: “Mas eu creio que não, e tu [leitor] concordarás comigo...”⁵¹. O *Bruxo do Cosme Velho*, além de narrar a sua história, chama o leitor para participar e fazer coro a ele das suas suspeitas. É esse o narrador que requer do leitor uma atitude atenta e investigativa, que o levará a descobrir o que é máscara e o que é verdade⁵².

O leitor em jogo

Quando Barthes⁵³ afirma que o leitor se torna travessia da linguagem, ele alude à decodificação do texto feita pelos leitores. Os leitores de Machado de Assis, em particular, veem-se num processo de decodificação que os coloca como participantes do texto. No capítulo LIX de *Dom Casmurro*, o narrador Bentinho diz: “É que tudo se acha de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas”⁵⁴. Nessa passagem, é possível notar que, junto com o reconhecimento das suas falhas narrativas, o narrador convida o leitor a interpretá-lo e, assim, preencher as falhas que ele encontrar. Ou seja, a leitura vira um jogo de interpretação, que, para Barthes, não se transforma em uma distração da leitura, mas sim num trabalho: “ler é fazer nosso corpo trabalhar”⁵⁵.

Machado constantemente incentiva os leitores a trabalhar; seus narradores que dialogam direto com o leitor estão sempre provocando e atacando numa escrita instigante e envolvente. No capítulo “O senão do livro”, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o narrador diz que o maior defeito do livro é o leitor, porque ele

⁵⁰ GUIMARÃES, Hélio de Seixas, 2016.

⁵¹ ASSIS, Machado de, 2016c, p. 638.

⁵² BOSI, Alfredo, 2007.

⁵³ BARTHES, Roland, 2004, p. 40.

⁵⁴ ASSIS, Machado de, 2016c, p. 531.

⁵⁵ BARTHES, Roland, 2004, p. 19.

tem pressa. “Tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem.”⁵⁶

Essa suspensão da narrativa, além de representar a interação com o leitor, informa este último sobre o processo de escrita do autor. A interação narrativa é uma das diversas maneiras que o leitor, que nas palavras de Hélio de Seixas Guimarães⁵⁷, aparece nas obras como uma “figura polissêmica” e se vê inserido na história.

O olhar do narrador, nos diversos romances, é um lembrete de como existem fatores variados que integram uma mesma situação. Ou como Bosi disse: é o modo de ver que dá forma ao objeto e é este último que rege as histórias de Machado de Assis⁵⁸. Se, ainda como afirma Bosi, “literatura é espelho”, Machado não se contenta em apenas refletir sobre a sociedade. Ele adentra a personalidade, as condições sociais que cercam os personagens, e apresenta, por meio da construção de uma narrativa que convida o leitor a buscar novos sentidos para o texto, os componentes que afastam os personagens de um olhar maniqueísta.

Histórias como *Helena* e *Iaiá Garcia*, mesmo não tendo recursos retóricos diretos, fazem com que o leitor questione os comportamentos dos personagens, seus motivos, a situação social que os envolve. “Para o leitor de Machado de Assis, o problema está em avaliar o grau de distanciamento que o narrador crítico (embora, na aparência, concessivo) guarda em relação a cada personagem e a cada situação.”⁵⁹

É nessa avaliação que se dão os movimentos que o leitor fará para compreender as situações colocadas nas histórias. Para Ruth

⁵⁶ ASSIS, Machado de, 2016c, p. 124.

⁵⁷ GUIMARÃES, Hélio de Seixas, 2016.

⁵⁸ BOSI, Alfredo, 2007.

⁵⁹ BOSI, Alfredo, 2007, p. 49.

Silviano Brandão e José Marcos Resende Oliveira, o leitor fica hesitante em relação ao que lê, “pois está imerso nas representações sociais que são, muitas vezes, inconscientes, como o senso comum que rege os comportamentos”⁶⁰. E é nessa hesitação que nasce o interesse do leitor por compreender além do que é apresentado na superfície do texto.

Machado, quando não aponta diretamente para o leitor, apresenta para ele uma trama densa que instiga sua interpretação. Mas quando aponta e fala direto com o leitor, intima-o a participar da obra, para tentar entender a posição e as escolhas dos narradores. É o que acontece quando Bentinho, em *Dom Casmurro*, presume que o leitor o questione se, com o passar do tempo, ele não se manteve cuidadoso com o relacionamento com Capitu: “Por falar nisso, é natural que me perguntes se, sendo antes tão cioso dela, não continuarei a sê-lo apesar do filho e dos anos. Sim, senhor, continuei”⁶¹. Ao inserir a pergunta no texto, Bentinho chama a atenção do leitor, supondo que ele está atento ao seu comportamento. Essa pretensão atribuída ao leitor marca, mais uma vez, o diálogo que o narrador trava com o leitor na obra.

Considerações finais

As narrativas machadianas, como mostram os diversos teóricos que se debruçam sobre sua obra, são repletas de caminhos e sentidos. O olhar que o autor empresta aos seus narradores é um olhar que adentra a vida dos personagens, tirando-os do senso comum. E esse também é o olhar que o leitor passa a buscar. Uma dessas perspectivas está presente na descrição da personagem Helena: “Dissera-se que a alma da moça era uma espécie de comediante que recebera da natureza ou da fortuna, ou talvez de

⁶⁰ BRANDÃO, Ruth Silviano; OLIVEIRA, José Marcos Resende, 2010, p. 19.

⁶¹ ASSIS, Machado de, 2016c, p. 600, grifo nosso.

ambas, um papel que a obrigava a mudar constantemente de vestuário⁶². Ao sugerir a dualidade da personagem, o narrador deixa subentendido que existem motivos para a mudança de comportamento de Helena. Ao fazer esse apontamento, o narrador informa ao leitor que existe mais sobre a personagem do que ela deixa transparecer, e é com uma visão atenta que se compreenderão as escolhas da protagonista.

Lendo ou participando da narrativa, o leitor machadiano é constantemente desafiado a enxergar além do que está escrito, a interpretar as entrelinhas narrativas. Esse movimento faz do leitor um investigador da intenção do autor e do olhar do narrador. As vozes narrativas existentes em *Helena* e *Dom Casmurro* convidam o leitor a participar da construção do sentido da obra, a entrar na mente do narrador e na composição literária. E é na construção do embate que se cria no leitor o incentivo para compreender as camadas do enredo.

O convite de Machado de Assis é um chamado à dúvida, do leitor como decodificador do texto e do narrador como guia da história. O jogo no qual o leitor é inserido dialoga com as várias possibilidades de interpretação que suas obras trazem. Os leitores, assim como os narradores, são múltiplos e, juntos, representam não só a pluralidade da obra do autor, mas também das representações contidas nela.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016c, v. 2.

ASSIS, Machado de. *Helena*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a, v. 1.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b, v.2.

BARTHES, Roland. *O Rumor da língua*. Tradução, Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOSI, Alfredo. O enigma do olhar. In: BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, pp. 9-59.

BRANDÃO, Ruth Silviano; OLIVEIRA, José Marcos Resende. O escritor é, antes de tudo, um leitor. In: BRANDÃO, Ruth Silviano; OLIVEIRA, José Marcos Resende. *Machado de Assis leitor: uma viagem à roda de livros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, pp. 17-35.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Figurações do leitor no romance de Machado de Assis. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Machado de Assis: lido e relido*. Campinas: Editora Unicamp, 2016, pp. 231-45.

⁶² ASSIS, Machado de, 2016a, p. 261.

A DÚVIDA QUE MOVIMENTA:

Machado de Assis
e a ressignificação
do Brasil

Igor Silva Oliveira

A literatura é um mecanismo de representação da realidade e tem um papel imprescindível na construção de uma sociedade. Segundo Benedito Nunes⁶³, a literatura começa no Brasil em 1500 com a Carta de Pero Vaz de Caminha, entretanto, a independência nacional em termos literários se inicia em 1822, juntamente com o Romantismo. Este movimento buscava realçar as lutas pela liberdade nacional e as construções de uma natividade representativa.

Com isso, ao passo que muitos autores românticos trabalhavam questões idealistas e utópicas de uma ideia de nação (implicando realidades não existentes para o leitor), Machado transformava essa estrutura em uma literatura crítica e expositiva com traços de realismo. Portanto, torna-se necessário entender a disposição da realidade brasileira do século XIX, mediante uma perspectiva machadiana.

Em primeira análise, tem-se o romance *Helena*, de Machado de Assis. Segundo Roberto Schwarz⁶⁴, a obra explicita o paternalismo cristão e suas aplicações nas atividades senhoriais, sobretudo por meio dos personagens conselheiro Vale e Estácio. Nesse sentido, após a morte de Vale, seus desejos continuaram dominando a casa mediante Estácio, que acolheu Helena e contestou as vontades de D. Úrsula, irmã do conselheiro. Desse modo, o paternalismo é apresentado e o personagem Estácio se torna figura central do desenvolvimento dessa ideia.

Contudo, o romance machadiano não expõe, de modo passivo, a realidade paternalista do século XIX. Nesse aspecto, os diálogos entre Estácio e Helena são demonstrações da fragilidade desses pensamentos e a esperteza da delicada moça ao responder os “comandos” de seu novo irmão são gatilhos críticos que permitem

⁶³ NUNES, Benedito, 1998.

⁶⁴ SCHWARZ, Roberto, 2012.

uma reflexão por parte do leitor. Tome-se como exemplo o diálogo que ocorre após Helena enganar seu irmão para andar a cavalo:

— Bastava pedir-me que a acompanhasse.

— Não bastava. Havia um meio de lhe dar mais gosto em sair comigo; era fingir que não sabia montar. A ideia momentânea de sua superioridade neste assunto era bastante para lhe inspirar uma dedicação decidida...⁶⁵

Nesse caso, conforme aponta Sidney Chalhoub⁶⁶, a personagem Helena domina a estrutura do pensamento de seu irmão, transformando seu paternalismo dominante em uma fragilidade pessoal. Tem-se, portanto, uma reflexão sobre qual seria a vantagem dessa dominação presente em Estácio, dominação que, proporcionada pelo cristianismo e seu modo de tratar as mulheres, fez com que ele fosse “passado para trás”. Com isso, Machado não só transforma a exposição de um pensamento em uma chave crítica, como proporciona ao leitor a liberdade de depreender suas reflexões acerca do acontecimento.

Segundo Hélio de Seixas Guimarães⁶⁷, Machado se coloca em guerra constante com o leitor, que se torna o centro e o problema de sua construção romântica. O crítico ainda aponta que, nas obras machadianas, existe a suposição de um leitor ideal, este que analisaria as passagens de maneira crítica e determinaria pontos da própria obra, como uma entidade ficcional. Desse modo, ao ler Machado, não obstante a época, instiga-se a capacidade perceptiva de relações intertextuais de acordo com o repertório do leitor. Com isso, constrói-se uma realidade de interação com o autor que resulta no conturbado processo de construção recep-

⁶⁵ ASSIS, Machado de, 1944, p. 27.

⁶⁶ CHALHOUB, Sidney, 2003.

⁶⁷ GUIMARÃES, Hélio de Seixas, 2016.

tiva, provocada por Machado de modo extensivo. Desse modo, uma identidade é caracterizada pelas especificidades do leitor e não por uma ideia preestabelecida.

Em segunda análise, tem-se o romance *Dom Casmurro*. Segundo Schwarz⁶⁸, a obra é ousada e combate as noções do papel histórico das elites nacionais. Além disso, a problemática em torno da hipótese de traição de Capitu engloba uma reflexão acerca da crise do patriarcado. Nesse sentido, o fato de o narrador e expositor dos fatos ser o próprio “traído” implica uma desconfiança profunda no leitor crítico. Essa desconfiança relaciona-se com a representação da posição de elite em que Santiago se encontra, quebrando a dominância paternalista que o colocou em evidência.

Ademais, segundo Luiz Roncari⁶⁹, Bentinho se encontra em uma busca de representação que caiu no limbo entre o passado e o futuro. Sustentando-se no modelo histórico patriarcal de sua infância e adaptando-se às mudanças urbanas no Rio de Janeiro, o personagem se encontra cada vez mais distante de ambas representações. Com isso, identifica-se a ideia de um Brasil em transição, perdido, sem uma representação direta e ideal como desejava o Romantismo. Assim, percebe-se que Machado expõe realidades e conflitos antagônicos e proporciona ao leitor possíveis desfechos, mas essas decisões são voláteis e mutáveis a cada releitura do livro. Esse aspecto é positivo e reforça a crítica elaborada no romance.

Ademais, o método machadiano não aparenta desejar resolver os conflitos de uma nação perdida em sua própria representação. Assim como os argumentos sobre a traição de Capitu não permitem um desfecho do caso, a obra como um todo não permite uma conclusão sobre como deveria ser a estrutura familiar brasileira.

⁶⁸ SCHWARZ, Roberto, 2012.

⁶⁹ RONCARI, Luiz, 2004.

Por conseguinte, para evidenciar esse movimento de constante reflexão e indecisão por parte da narrativa machadiana, Alfredo Bosi⁷⁰ argumenta que Machado extraiu da cultura europeia a desconfiança voltairiana. Desse modo, depreende-se que seu romance *Dom Casmurro* apresenta a naturalidade universal do homem que é movido pelos próprios interesses. Assim, Bento Santiago se sustenta em ideias e representações passageiras e inconsistentes para afirmar o seu interesse, movimento análogo às tentativas de compor um Brasil mediante a literatura. Identifica-se, portanto, que a construção de uma nacionalidade mediante a literatura é também uma política de interesses. Talvez esse seja o ensinamento de Machado ao recusar um desfecho diante de tantas evidências da sua narrativa.

Considerações finais

Os aspectos específicos das obras *Helena* e *Dom Casmurro* apresentados, juntamente com a contribuição teórica dos críticos, estabelecem a necessidade de se ler Machado de Assis na atualidade. Conforme estabelece Antoine Compagnon⁷¹, o cânone é político e institucionaliza uma memória coletiva nacional. Nesse sentido, Machado é um autor canônico que ressignifica constantemente os fatos literários, já que suas exposições sobre as ideologias que permearam o solo brasileiro são feitas de modo amplo. Essa amplitude seria uma capacidade de proporcionar uma abertura reflexiva, e o leitor que depara com os romances apresentados está diante de possibilidades de ressignificação de valores.

Assim como o paternalismo e o patriarcado possuem uma posição de dominação em decadência, a representação do nacional mediante a literatura está em constante movimento. Uma ideia religio-

⁷⁰ BOSI, Alfredo, 2007.

⁷¹ COMPAGNON, Antoine, 2003.

sa, moral e comunal se torna em Machado uma escolha individual, pois o autor não nega sua existência e apresenta suas fragilidades. Com isso, ler Machado hoje é entender a história e os valores vigentes da época, relacionando-os com a contemporaneidade e se distanciando cada vez mais de uma noção do que é a verdadeira representação nacional. Ao observar a genialidade de Helena perante as amarras de sua época em relação às mulheres, ao buscar entender se Capitu realmente traiu ou não Bentinho, o leitor de Machado questiona sua própria identidade. O movimento dos romances é baseado em críticas sociais paternalistas, escravistas e elitistas, debatem-se ideias com consequências de cunho sociológico.

A indecisão, a desconfiança, a eterna probabilidade são aspectos que o autor transmite e que se tornam mecanismos de busca. Portanto, deve-se ler Joaquim Maria Machado de Assis nos tempos atuais pela sua magnitude anacrônica de instigar uma dúvida insaciável a despeito da época em que é lido, além da sua capacidade de questionar e apresentar visões do indivíduo brasileiro e da vida social de modo não conclusivo. A constante redescoberta de um Brasil e seus componentes é o que move as mudanças concretas e a evolução social, e as obras machadianas são artefatos de representação e potencialização da cultura em movimento.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado. *Obra completa de Machado de Assis*. vol. I, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BOSI, Alfredo. O Enigma do olhar. In: BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p. 9-59.

CHALHOUB, Sidney. Paternalismo e escravidão em Helena. In: CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 17-57.

COMPAGNON, Antoine. O valor. In: COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Mourão, Consuelo Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003, p. 225-255.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Figurações do leitor no romance de Machado de Assis. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Machado de Assis: lido e relido*. Campinas: Editora Unicamp, 2016, p. 231-245.

NUNES, Benedito. *Crivo de papel*. São Paulo: Ática, 1998, p. 205-246. Série Princípios.

RONCARI, Luiz. Dom Casmurro e o retrato do país. In: COELHO, Márcia; FLEURY, Marcos (org.). *O bruxo do Cosme velho: Machado de Assis no espelho*. São Paulo: Alameda, 2004, p. 79-99.

SCHWARZ, Roberto. A poesia envenenada de Dom Casmurro. *Novos Estudos – CEBRAP*, v. 1, n. 29, p. 85-97, mar. 1991.

SCHWARZ, Roberto. Helena. In: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012, p. 117-149.

UM MODELO DE LEITOR:

um escritor modelo

Joana França

Não é exagero afirmar que Machado de Assis é o maior escritor da história do Brasil. Ele não só é um dos autores brasileiros mais traduzidos, mas também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e considerado o “presidente eterno” da organização. Se isso ainda não diz o suficiente, ele foi escritor, jornalista, contista, cronista, dramaturgo e poeta, demonstrando maestria em todas as ocupações. Ademais, o principal prêmio literário do país carrega o seu nome – o Prêmio Machado de Assis é conferido a escritores pelo conjunto de sua obra –, e críticos internacionais como Susan Sontag, Harold Bloom e John Gledson colocam-no como destaque da literatura mundial. Diante disso, é possível retomar o ensaio de Vera Lúcia Follain de Figueiredo *O legado de Machado de Assis*⁷² e questionar: qual o legado de Machado? E por que lê-lo ainda hoje é importante?

Italo Calvino, em *Por que ler os clássicos*⁷³, apresenta diversas proposições do que é um clássico. A primeira definição sugere que os clássicos são livros que estão sempre sendo relidos, o que pode indicar que são livros a serem sempre revisitados ou que o leitor se sente constrangido de dizer que ainda não leu. Na concepção desse autor, é importante ler e reler um clássico, pois sempre será uma primeira vez: a experiência é diferente na juventude e na maturidade. No primeiro caso, a leitura poderá ter um caráter formador na vida do leitor, influenciando todas as suas leituras futuras. Já no segundo caso, a leitura pode gerar compreensões mais profundas, tanto em razão da maior bagagem acumulada quanto em razão da maior paciência e da experiência adquirida com a idade.

Uma outra definição proposta por Calvino é esta: “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que

deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)”⁷⁴.

A partir dessa ideia, é evidente que as principais obras machadianas são, indiscutivelmente, livros clássicos. Machado traz diversas alusões a outras obras e deixa marcas profundas na cultura e na literatura do país. Outra característica de um clássico para Calvino é a atemporalidade, porém, sem perder de vista o tempo de sua composição. Seguindo esse raciocínio, *Helena* e *Dom Casmurro* têm uma característica ainda presente, lamentavelmente, nos dias atuais: o machismo e o patriarcado. A conclusão de Calvino é, de certa forma, sincera e bem-humorada: é importante ler os clássicos porque eles dizem sobre nós. Eles não devem, no entanto, ser lidos porque têm uma utilidade: sua leitura é justificada por ser uma opção melhor que a não leitura.

Abordando a herança de Machado, dois aspectos podem ser mencionados: o Machado leitor e o escritor. Para entender ao máximo as nuances de suas obras, é desejável que seu leitor tenha uma bagagem cultural extensa, uma vez que as intertextualidades em seus textos são inúmeras e demonstram o quanto ele foi um leitor voraz, um exemplo que todos podemos seguir. Machado leu Shakespeare (em *Dom Casmurro*, a personagem de Bentinho assiste à peça *Otelo* e relaciona o enredo à sua própria história; em *Helena*, o amor impossível de Helena e Estácio que termina em tragédia remete a *Romeu e Julieta*). Leu também Eça de Queirós e Gustave Flaubert (autores, respectivamente, de *O primo Basílio* e *Madame Bovary*, que trazem a temática do adultério sob a perspectiva feminina como fio condutor, o que Machado subverte em *Dom Casmurro*, optando por não tratar do enfado da mulher burguesa e adotar a visão do homem). Leu a *Bíblia* (o defunto-autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ironiza o livro sagrado dos cristãos

⁷² FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de, 2010.

⁷³ CALVINO, Italo, 1993.

⁷⁴ CALVINO, Italo, 1993, p. 11.

afirmando que a diferença entre sua história e o pentateuco é que a sua começa pelo final). Leu Ésquilo (em *Prometeu*, é Pandora que libera todos os males da humanidade, e essa vilania atribuída à figura feminina pode remeter à desconfiança de Bentinho em relação a Capitu). Leu Sófocles (em *Helena*, o tema de um possível incesto e a reação da sociedade a tal atitude retoma *Édipo Rei*). Leu Victor Hugo (*Os Miseráveis* apresenta o bom caráter de Jean Valjean que busca redimir um erro do passado e morre ao final da obra; Helena, por sua vez, prefere a morte a viver com a desonestidade). Além de inúmeras outras relações intertextuais (mais ou menos claras, a depender da situação em que aparecem), Machado foi influenciado pelos autores que traduziu, como Lamartine, Dante Alighieri, Alexandre Dumas Filho, Chateaubriand, Racine, La Fontaine, Alfred de Musset, Molière, Victor Hugo, Beaumarchais, Shakespeare, Charles Dickens, Edgar Allan Poe, Schiller e Heine.

Hélio de Seixas Guimarães, em *Figurações do leitor em Machado de Assis*, aborda o papel do leitor na obra machadiana e é possível inferir que Machado esperava leitores tão astutos e cultos como ele próprio. Para tal, a primeira subversão do autor foi trazer para o centro do romance o leitor, que é abordado e, às vezes, repreendido em suas obras: “Se isto vos parecer enfático, *desgraçado leitor*, é que nunca penteastes uma pequena, nunca pusestes as mãos adolescentes na jovem cabeça de uma ninfa”⁷⁵. A provocação ao leitor demonstra certa intimidade ao mesmo tempo em que o narrador busca atacar o leitor antes de ser atacado. Ao modificar o papel do leitor, Machado demonstra outras expectativas com relação a ele, diferentes das de seus contemporâneos e futuros colegas: “o cronista Machado de Assis expressa a crença no efeito redentor e educativo do jornal e do teatro”⁷⁷. Essa ideia de Machado sobre o papel

educativo da literatura demonstra que ele acredita em um público mais capaz, o que conflui para o que seus textos exigem: um leitor atento, reflexivo, hábil e minucioso, tal como ele foi.

Ao voltarmos os olhos para o Machado de Assis escritor, é primordial retomar Figueiredo⁷⁶ para uma compreensão mais ampla de sua faceta de escritor e do que esta legou às gerações posteriores. As características destacadas pela autora são a ironia, o ceticismo, as temáticas, o estilo e sua postura transgressora.

Em *Dom Casmurro*, a ironia aparece na voz narrativa em diversos momentos. Em uma passagem específica, Bento tentava escrever um soneto de versos iniciado por “Oh! flor do céu! oh! flor cândida e pura”⁷⁸, e ele considera terminar com o verso “Perde-se a vida, ganha-se a batalha!”⁷⁹, um fechamento extremamente ácido e sarcástico. O ceticismo está presente no impasse sobre a ida de Bentinho para o seminário, em que a crença de toda a família é colocada em suspenso: ela não possui raízes nem fundamentos, mas ainda assim acaba influenciando o jovem Bentinho.

Uma das temáticas presentes no romance *Helena* é o preconceito com relação àqueles que ascendem socialmente. Em razão de sua origem, Helena deve, a todo momento, provar seu valor para receber a aprovação de sua família. Ainda nesse romance, Machado mostra suas afiadas críticas à sociedade, ao paternalismo e à submissão feminina, como se pode observar no enredo: após a morte do conselheiro, o seu testamento revela a existência de uma filha e a exigência do morto de que ela seja acolhida no seio familiar; o patriarcalismo é tão forte que, mesmo morto, a figura do pai ainda possui a palavra final na pequena família.

Em um panorama, um dos elementos da lição machadiana para os escritores é “o da apropriação irreverente, desviante da tradição

⁷⁵ ASSIS, Machado de, 2007, p. 83.

⁷⁶ GUIMARÃES, Hélio de Seixas, 2016, p. 232.

⁷⁷ FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de, 2010.

⁷⁸ ASSIS, Machado de, 2007, p. 132.

⁷⁹ ASSIS, Machado de, 2007, p. 132.

literária, para se contrapor às certezas dominantes em seu próprio tempo⁸⁰; em suma, um escritor que queira se destacar precisa subverter qualquer consenso entre os escritores de seu tempo.

Por que ler Machado de Assis hoje? A resposta pode ser extremamente simples, como a de Calvino: porque é melhor do que não ler. Ou pode ser embasada e justificada, como a explicação de Figueiredo. Portanto, leia, porque ninguém fez o que Machado fez, nenhum escritor se igualou e provavelmente não se igualará a ele. Leia para enxergar a literatura brasileira em toda a sua glória. Se já leu, leia de novo, leia com os olhos de um crítico e então se tornará um fã. Faça o que Machado fez e faria agora: leia. E lembre-se: o leitor de Machado sempre é leitor.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. O legado de Machado de Assis. In: FANTINI, Marli (org.). *Machado e Rosa: leituras críticas*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2010, p. 91-102.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Figurações do leitor no romance de Machado de Assis. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Machado de Assis: lido e relido*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. p. 231-245.

⁸⁰ FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de, 2010, p. 102.

O LEITOR DE MACHADO DE ASSIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O STATUS DE PERMANÊNCIA DA OBRA

Mariane de Sousa

*A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.*⁸¹

Pode-se considerar que Joaquim Maria Machado de Assis é um dos maiores escritores da literatura brasileira e da literatura universal. Isso se deve, talvez, ao fato de se ter completado, há alguns anos, o centenário de sua morte e sua produção escrita ser amplamente discutida pela crítica ainda nos dias de hoje. A presença de Machado no cenário literário brasileiro é marcada por sua originalidade. O autor provocou, com a passagem ao Realismo, uma mudança de orientação no que se pretendia como construção de um “instinto de nacionalidade”. De acordo com Alfredo Bosi⁸², antes tinha-se a abordagem romântica, cujos assuntos principais eram “a figura do índio, a tradição colonial e a pureza dos costumes patriarcais”, tal como na obra de José de Alencar⁸³. Em seguida, com o Realismo, Machado cambia o tema de sua escrita, que passa a ser “o presente, já urbanizado e até certo ponto modernizado, na medida em que guardava no seu bojo a decomposição do sistema escravista e da hegemonia imperial”⁸⁴.

A permanência da obra machadiana após mais de cem anos da morte do escritor, bem como o caráter fundador que se lhe atribui com a “inauguração” do Realismo no Brasil através da publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), reforçam a importância do escritor e de sua obra na literatura nacional. Posto isso, surge uma questão fundamental para se discutir a permanência

⁸¹ ASSIS, Machado de, 1881.

⁸² BOSI, Alfredo, 2007, p. 15.

⁸³ Importante mencionar que a abordagem romântica de Alencar não se limita apenas ao indianismo, mas contempla, também, a prosa romântica urbana, da qual o traço romanescos, percebido em *Helena*, provavelmente se alimenta.

⁸⁴ BOSI, Alfredo, 2007.

da obra machadiana: *por que ler Machado de Assis hoje?* Este ensaio tem por objetivo propor uma hipótese sobre o desfecho das obras machadianas *Helena* (1876) e *Dom Casmurro* (1899), a partir da figuração do leitor na narrativa. Isto é, supor as primeiras impressões do leitor no primeiro contato com a obra e indicar outro caminho de leitura possível. Discute-se a importância do leitor e de sua contribuição para a “longevidade” e o sucesso das obras. E, dessa forma, tem-se a tentativa de elucidar a questão supracitada.

Um dos aspectos mais marcantes da obra machadiana, além do seu estilo forjado em ironia e ambiguidades, é a maneira como Machado atribui importância ao leitor ao legar-lhe a empreitada de participar da constituição da obra. O leitor deixa de ser um mero espectador e passa a integrar a obra como se dela fizesse parte. É o que Hélio de Seixas Guimarães⁸⁵ explica em seu texto *Figurações do leitor no romance de Machado de Assis*. O autor indaga a produção de literatura em um país de analfabetos e de como fica essa literatura, que quer representar e ser representativa da nação, nesse contexto. Segundo Guimarães, estas são algumas das questões enfrentadas pelos romancistas do século XIX, que acreditavam existir uma quantidade razoável de leitores que justificasse o fato de eles continuarem a produzir seus romances, mas, ao mesmo tempo, eles se indignavam com a postura de alienação da população diante das produções literárias brasileiras⁸⁶.

A reação desses romancistas do século XIX mudou em 1870, “coincidindo com o aparecimento do Machado de Assis romancista. Machado introduz o leitor como figura tão central quanto problemática para a constituição do tão almejado romance nacional”⁸⁷. Na produção literária dos demais autores daquele período, tinha-se

⁸⁵ GUIMARÃES, Hélio de Seixas, 2006.

⁸⁶ GUIMARÃES, Hélio de Seixas, 2006.

⁸⁷ GUIMARÃES, Hélio de Seixas, 2016, p. 231.

que o leitor estava localizado fora do texto. Com Machado, a partir principalmente das suas obras da segunda fase, o leitor passa a fazer parte das narrativas. O narrador interage explicitamente com o leitor, dirigindo a narrativa a ele em forma de confronto, interpelação e, às vezes, até de ataque⁸⁸.

Vale ressaltar que, embora circule essa ideia de divisão dos romances machadianos em duas fases, a obra de Machado deve ser vista como um todo, haja vista as conexões possíveis entre as histórias e as personagens de “fases” distintas ou de um romance para outro, segundo é abordado no artigo “A representação feminina em Machado de Assis: Helena, embrião de Capitu”⁸⁹, que cria esta ideia de continuidade.

Posto que a relação narrador/leitor/narrativa é intrínseca, faz-se necessário apresentar as narrativas, com enfoque para o desfecho, para que seja possível apontar a(s) possibilidade(s) de leitura da qual o leitor dispõe. A começar por *Helena* (1876), romance agrupado com os da dita “primeira fase”, no qual Machado trabalha questões do ideário feminino dentro do modelo patriarcal. No enredo dessa obra, o conselheiro Vale falece e deixa em testamento o reconhecimento de uma paternidade que, mais adiante na trama, o leitor descobrirá ser ilegítima. Helena é reconhecida pelo conselheiro e recomendada aos afetos de sua irmã, Dona Úrsula, e de seu filho, Estácio, “como se de seu matrimônio fosse”⁹⁰. A menina passa a viver com os parentes e a empreender todo esforço e dedicação que está ao seu alcance para conquistá-los, objetivando afastar qualquer dúvida que viessem a ter de suas intenções. No ponto alto da trama, descobrem que Helena não é filha do conselheiro, revelação que força o leitor a recuar da ideia de incesto que

lhe ocorre ao suspeitar/confirmar o amor de Helena por Estácio, até então seu irmão, e o amor deste por aquela, mesmo que inconsciente. No fim, Helena escolhe morrer.

Para um leitor ingênuo, a morte de Helena talvez não tenha toda a representatividade que se vê em Roberto Schwarz⁹¹ e Sidney Chalhoub⁹². Uma possibilidade de interpretação para esse perfil de ingenuidade na leitura é equiparar o final de Helena ao de uma novela. No entanto, em uma análise mais atenta e crítica, o leitor consegue perceber a ideologia por trás da escolha de Helena. Ela era distinta, inteligente, forte e melindrosa. Sabia que, quando a verdade viesse à tona, poderiam fazer mau juízo de suas intenções e lhe designar a alcunha de usurpadora, por isso lutava para se fazer aceita, como aponta Schwarz: “assistimos a uma espécie de luta, e não de transação, em que Helena deve agradar e dar provas de mérito, até que os outros a reconheçam, luta a que ela se submete de bom grado e cristãmente”⁹³.

Essa atitude de se fazer merecedora do carinho e simpatia de Estácio e D. Úrsula, e ser por eles reconhecida, é movida pelo medo de parecer uma aproveitadora, quando a verdade viesse à tona. E, também, pela consciência de que era uma agregada, quase uma intrusa, na família. Dessa forma, “Helena é tomada por uma espécie de delírio purista, ou de aversão a tudo em que possa haver uma dívida ou a sombra de uma segunda intenção, o que leva a afastar de si família, herança, noivo, generosidade ou complacência de corações amigos”⁹⁴.

É possível, a partir de Chalhoub⁹⁵, complementar a interpretação sobre a escolha de Helena. Como visto anteriormente, na

⁸⁸ GUIMARÃES, Hélio de Seixas, 2016.

⁸⁹ FERREIRA; Jean Fabricio Lopes; PERROT, Andrea Czarnobay, 2017.

⁹⁰ ASSIS, Machado de, 1876, p. 5.

⁹¹ SCHWARZ, Roberto, 2012.

⁹² CHALHOUB, Sidney, 2003.

⁹³ SCHWARZ, Roberto, 2012, p.14.

⁹⁴ SCHWARZ, Roberto, 2012, p. 127.

⁹⁵ CHALHOUB, Sidney, 2003.

passagem de Schwarz, Helena tinha “aversão a tudo em que possa haver uma dívida ou a sombra de uma segunda intenção”⁹⁶. Dessa forma, além do medo de ser considerada uma aproveitadora, a gratidão é determinante na sua escolha.

Segundo Chalhoub⁹⁷, o esforço de Helena não era apenas por parecer grata ou se fazer aceita, mas para se libertar da obrigação. O seu *status* de agregada lhe imprimia a obrigação de ser grata. Desse modo, se escolhesse a vida, Helena se prenderia ao modelo senhorial condicionada pela força da gratidão, e então se decide pela morte:

A chave de *Helena*, o romance, é a ambivalência de Helena, a personagem: ela está no interior da ideologia senhorial porque possui gratidão e porque conhece e manipula bem os símbolos e valores que constituem e expressam tal ideologia; ela está fora das relações paternalistas devido ao fato de que consegue relativizá-las, e logo percebê-las claramente enquanto poder e, no limite, força ou imposição. A perspectiva crítica permite a Helena, como já foi dito, a preservação de certa autonomia, sendo que a impossibilidade de tal autonomia, no fim do romance, é a destruição da ambivalência e da possibilidade crítica — a alternativa é a morte, ou a transformação histórica.⁹⁸

Já em *Dom Casmurro* (1899), pertencente à “segunda fase” machadiana, tem-se uma certa decadência do modelo patriarcal. Sumariamente, Bentinho, o menino que vive com a mãe e os agregados, tem seu destino traçado por uma promessa. O menino deve ser enviado ao seminário para se tornar padre. Bentinho é

⁹⁶ SCHWARZ, Roberto, 2012, p. 127.

⁹⁷ CHALHOUB, Sidney, 2003.

⁹⁸ CHALHOUB, Sidney, 2003, p. 46.

apaixonado por sua vizinha, Capitu, e planeja se casar com ela, o que conflita com os planos de sua mãe. No entanto, ele consegue realizar o feito: casa-se com Capitu e juntos têm um filho, Ezequiel. O ciúme doentio de Bento leva-o a desconfiar da esposa e a acusá-la de adultério. A raiva lhe provoca alucinações, tanto que o filho toma formas e feições do amigo, Escobar. No fim, esposa e filho morrem exilados, e Bento recolhe-se à solidão, na casa que construiu para reproduzir a de sua infância: “Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá”⁹⁹.

A principal exigência que essa narrativa faz do leitor é a desconfiança. Luiz Roncari¹⁰⁰ aponta que a desconfiança deve começar pelo nome do livro. O narrador faz questão de explicar que Casmurro não é empregado no sentido que se costuma dar ao termo, mas o de alguém que é “metido consigo mesmo”. No entanto, o significado dado pelos dicionários, algo no sentido de “cabeça-dura”, “teimoso”, também cairia perfeitamente bem à personagem.

Em seu ensaio “Dom Casmurro e o retrato do país”, Roncari¹⁰¹ se orienta pelo questionamento da escolha de personagem que Machado fez para narrar a história. Por que pela ótica de Bentinho e não de outro personagem (por exemplo, Capitu)? E ele responde com duas razões, uma de ordem sociológica e outra de ordem psicológica, sendo esta última a que mais interessa a esta discussão:

[...] o fato de Bentinho estar numa posição que lhe permitiu tanto sofrer a crise da família patriarcal [morte do seu pai e sua mãe assumindo o seu lugar – regime matriarcal] quanto frustrar-se com a construção do novo idílio familiar [a desconfiança da fi-

⁹⁹ ASSIS, Machado de, 1899, p. 2.

¹⁰⁰ RONCARI, Luiz, 2004.

¹⁰¹ RONCARI, Luiz, 2004.

delidade da esposa que lhe envenenou o sonhado casamento], durante o primeiro ensaio de constituição de uma sociedade urbano-burguesa no Brasil, mais particularmente no Rio de Janeiro.¹⁰²

Segundo o autor, por causa dos desencantos sofridos com a não realização dessa construção do novo idílio familiar com Capitu, restou a Santiago, já Dom Casmurro, construir sua própria versão dos fatos, assim como ele construiu uma casa na Glória para simular a de Matacavalos. “Dois simulacros, um material e um espiritual, que correspondiam e não correspondiam inteiramente aos fatos do que haviam sido.”¹⁰³ Essa construção narrativa baseada na amargura e decepção de um sonho frustrado transfere a suspeita para a figura de Capitu, transformando-a em culpada dos fatos. Um leitor de primeira viagem, neste caso, aceita a versão de Bento, que, embalado pelo lirismo de suas reminiscências, busca convencer o leitor e a si mesmo da veracidade dos fatos por ele narrados.

Roncari¹⁰⁴ reforça a diferença traçada entre um simples leitor e o leitor machadiano ao empregar a expressão “leitor comum”, para justificar a aceitação da versão dos fatos narrada por Bento: “Não foi à toa que o leitor comum e a primeira crítica aceitaram mais facilmente a versão da traição de Capitu, mesmo porque ela confirma a visão tradicional e patriarcal da mulher”¹⁰⁵. A narrativa de Bento converte Capitu em uma mulher que refuta as idealizações românticas de mulher (submissão, prendas de sociedade, recato). Ela é esperta, inteligente, astuta e dissimulada. Não aceita as imposições do sistema patriarcal como queria a sociedade da época, como queria Bento, e como era próprio das mulheres idealizadas pelo Romantismo. Ela sabia qual era o seu lugar. Assim, torna-se mais fácil,

¹⁰² RONCARI, Luiz, 2004, p. 84

¹⁰³ RONCARI, Luiz, 2004, p. 85.

¹⁰⁴ RONCARI, Luiz, 2004.

¹⁰⁵ RONCARI, Luiz, 2004, p. 82.

à primeira leitura, concordar com Bento e questionar a postura de Capitu, do que perceber as inconsistências no discurso dele.

Ao final da narrativa, o leitor se depara com o questionamento que rendeu à obra o título de, talvez, mais famosa e enigmática das obras machadianas: “O resto é saber se a Capitu da Praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente”¹⁰⁶. Ou de maneira mais simplificada, Capitu traiu ou não traiu Bentinho? Em seu ensaio “A poesia envenenada de Dom Casmurro”, Schwarz menciona um trabalho em que uma autora, *sessenta anos* depois da publicação do romance, questionou o fato de se tratar apenas do ponto de vista de Bento: “Acaso ou não, só sessenta anos depois de publicado e muito reeditado o romance, uma professora norte-americana (por ser mulher? por ser estrangeira? por ser talvez protestante?) começou a encarar a figura de Bento Santiago — o Casmurro — com o necessário pé atrás”¹⁰⁷. A dúvida é necessária porque não cabe ao leitor julgar se as acusações devem ser acatadas, como quer o narrador. A relação de pertencimento do leitor para com a obra é justamente no sentido de desfrutar da trama e dialogar com o narrador e, nesse caso, não há diálogo, apenas a imposição do ponto de vista do narrador na tentativa de fazer o leitor acreditar na culpa de Capitu.

Caminhando para o desfecho da discussão, faz-se necessário retomar a questão que a norteia: *por que ler Machado de Assis hoje?* Segundo Antonio Candido, Machado usa uma técnica arcaica que é moderna: “este arcaísmo parece bruscamente moderno, depois das tendências de vanguarda do nosso século, que também procura sugerir o todo pelo fragmentado, a estrutura pela elipse, a emoção pela ironia e a grandeza pela banalidade”¹⁰⁸. Machado inverte os papéis, isto é, faz do anormal um fato corriqueiro, e do normal um

¹⁰⁶ ASSIS, Machado de, 1899, p. 139.

¹⁰⁷ SCHWARZ, Roberto, 1991.

¹⁰⁸ CANDIDO, Antonio, 2011, p. 22.

fato excepcional, e por isso sua escrita tem o tom da modernidade ainda que a técnica seja arcaica:

A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida [...] ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, [...] que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro.¹⁰⁰

Considerando que, depois de tantos anos, desde a publicação, as diferentes gerações de críticos encontraram possibilidades de leitura dos fatos e das obras que, até então, não tinham sido exploradas, quem garante que não há outras leituras por se descobrir, capazes de elucidar os enigmas espalhados pelos romances e os tantos contos que Machado nos deixou? Cabe ao leitor atender às exigências do texto, colocar-se em seu lugar de “parte da obra”, voltar à leitura, sempre, na busca por respostas, para que ela (a obra) continue sempre em pauta. Uma produção literária que permaneceu por mais de cem anos e que demonstra ter algo novo a dizer, mesmo depois de tantos anos, é uma produção que vale a pena ser lida e discutida em qualquer momento da história.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Helena*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16940 Acesso em: nov. de 2020.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Bras Cubas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000213.pdf>. Acesso em: nov. 2020.

¹⁰⁰ CANDIDO, 2011, p. 23.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=169%2031. Acesso em: nov. 2020.

BOSI, Alfredo. Hipótese sobre Machado de Assis na literatura Brasileira. In: BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 149-164.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 15-34.

CHALHOUB, Sidney. Paternalismo e escravidão em Helena. In: CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 17-57.

FERREIRA, Jean Fabricio Lopes; PERROT, Andrea Czarnobay. A representação feminina em Machado de Assis: Helena, embrião de Capitu. *Opiniões*, São Paulo, n. 11, p. 111-122, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/137792>. Acesso em: 9 ago. 2021.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Figurações do leitor no romance de Machado de Assis. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Machado de Assis: lido e relido*. Campinas: Editora Unicamp, 2016, p. 231-245.

RONCARI, Luiz. Dom Casmurro e o retrato do país. In: COELHO, Márcia; FLEURY, Marcos (org). *O bruxo do Cosme velho: Machado de Assis no espelho*. São Paulo: Alameda, 2004, p. 79-99.

SCHWARZ, Roberto. A poesia envenenada de Dom Casmurro. *Novos Estudos – CEBRAP*, v. 1, n. 29, p. 85-97, mar. 1991. Disponível em: <http://novosestudios.com.br/produto/edicao-29/#58dbced404ef7>. Acesso em: jul. 2021.

SCHWARZ, Roberto. Helena. *In*: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012, p. 117-149.

A IMPORTÂNCIA DE SE LER MACHADO DE ASSIS:

uma abordagem crítica
e analítica acerca das
personagens femininas
Helena e Capitu

Vinicius Amaral Fernandes

“Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: ‘Estou relendo..’ e nunca ‘Estou lendo...’”, já dizia Italo Calvino¹¹¹. Muito se questiona o porquê de se ter que ler Machado de Assis durante o ensino regular; há aqueles que defendem que tal autor afasta possíveis futuros leitores e que o mais adequado seria trazer certas ficções que apresentam termos latinizados, como *Accio* e *Wingardium Leviosa*, para atrair os jovens ao mundo da leitura – embora, ironicamente, essas mesmas pessoas costumam ser aquelas que defendem o não ensino de Latim (que hoje já não é presente nem mesmo em diversas graduações em Letras) nas escolas e que o ensino da norma-padrão afasta os discentes do mundo da escrita e da linguagem. Apesar de trazer essas reflexões críticas (ou, como é de costume dizer na academia — quase como um eufemismo para não afligir os mais sensíveis —, “pequenas provocações”), o foco deste ensaio não é levantar questões acerca da introdução ou não de Machados de Assis no ensino regular (ou se é pertinente ou não trocar o *Bruxo do Cosme Velho* pelo bruxo da rua dos Alfeneiros, n. 4, no ensino fundamental e no médio). Talvez seja mais adequado que aqueles que se dedicam à docência discutam tal assunto. Em vez disso, o objetivo aqui é refletir sobre os motivos pelos quais ler Machado ainda é tão importante, seja dentro, seja fora da academia.

Citando novamente Calvino, “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”¹¹². Nesse sentido, já se começa a compreender por que ler Machado de Assis é necessário — motivos muito além das questões estilísticas de sua escrita, ou até mesmo de seu humor e ironia refinados, os quais exigem bastante atenção do leitor, o que implica o desenvolvimento de certos processos cognitivos, como salienta Vincent

Jouve (2002)¹¹³. Fazendo analogia à citação de Calvino¹¹⁴, pode-se dizer que ler as obras de Machado de Assis é importante porque elas nunca terão dito completamente aquilo que elas têm para dizer, trazendo novas experiências e interpretações a quem lê. Tais experiências e interpretações dependerão do contexto sócio-histórico em que o leitor está inserido, além da maturidade deste (daqui já se pode começar também a refletir sobre por que é tão importante o leitor já ter acesso a essas obras na educação básica). Desse modo, a cada nova leitura, um novo aspecto, que antes poderia ter passado despercebido, passa a ser abordado.

Nesse mesmo enfoque, é importante ressaltar as reflexões de Antonio Candido¹¹⁵, que, em *Esquema de Machado de Assis*, discute sobre o que há de diferente nas obras do autor: seria o problema de identidade, ou a questão do ato, ou a relação entre o fato real e o imaginado, ou a transformação do homem em objeto do homem? Nesse mesmo sentido, Candido¹¹⁶ ainda traz as ideias de diferentes críticos do autor e mostra como as questões analisadas por eles divergem com o passar dos anos, não sendo possível, portanto, achar, em suas obras, como o próprio Candido diz, “uma coleção de apólogos nem uma galeria de tipos singulares”¹¹⁷. Ironicamente (talvez “paradoxalmente” seja mais adequado aqui), essas não singularidades se tornaram algo singular no estilo do autor, o que colaborou no seu reconhecimento como um dos maiores (se não o maior dos) escritores de língua portuguesa.

¹¹¹ CALVINO, Italo, 1993, p. 9.

¹¹² CALVINO, Italo, 1993, p. 11.

¹¹³ Importante destacar aqui que Jouve aborda a leitura como um processo cognitivo, não se referindo necessariamente a Machado de Assis. No entanto, devido às sutilezas das obras machadianas, torna-se pertinente fazer tal analogia.

¹¹⁴ CALVINO, Italo, 1993.

¹¹⁵ CANDIDO, Antonio, 2011.

¹¹⁶ CANDIDO, Antonio, 2011.

¹¹⁷ CANDIDO, Antonio, 2011.

Nessa lógica, deve-se mencionar a obra *Helena* (1876), terceiro romance publicado pelo autor; em um primeiro momento, pode-se pensar que o literato trabalhou aspectos do Brasil do século XIX de maneira bastante idealizada e, até mesmo, com um traço romanesco, fazendo o próprio Machado de Assis, no prefácio da obra, expressar: “Não me culpeis pelo que lhe achardes romanesco. [...] Agora mesmo, que há tanto me fui a outras e diferentes páginas, ouço um eco remoto ao reler estas, eco de mocidade e fé ingênua”¹¹⁸. No entanto, o tempo e outras leituras permitiram mostrar que essa interpretação de *Helena* pode ser ingênua, visto que o autor já denunciava questões referentes à cultura do paternalismo que havia no país, mesmo que de forma sutil — diferentemente de outras, como *Dom Casmurro*¹¹⁹, em que essa crítica é mais explícita, fazendo Ferreira e Perrot¹²⁰ chamarem a personagem Helena de “embrião de Capitu”, uma vez que os autores mostram “que Helena já trazia em si elementos de Capitu [pois Helena, mesmo que sutilmente, já lutava por uma ruptura da tradição patriarcal], revelando que a obra de Machado de Assis pode e deve ser vista como um todo, e não cindida em duas fases”¹²¹.

Ainda abordando a questão de *Helena*, é importante pensar que a personagem principal, que serve de título à obra, é, em um primeiro momento, a típica heroína de enredos romanescos: bondosa, generosa, simpática, “subordinada” às pessoas a quem devia respeito. As aspas aqui não demonstram ironia, mas indicam a imagem pintada pela primeira interpretação de Helena. Não, isso não é uma crítica ao que Hélio de Seixas Guimarães¹²² chamaria de leitor não exigente, uma vez que até nomes importantes já resumiram

tal obra a “contribuir para o aperfeiçoamento do paternalismo”¹²³ e, como já apontado, o próprio Machado chegou a escrever certos dizeres, quase como um pedido de desculpas, no prefácio de *Helena*. A principal questão a ser tratada aqui é como diferentes leituras e mudanças no contexto trazem novas discussões e abordagens.

Referindo-se ainda a *Helena*, destaca-se agora outra leitura que o tempo e o contexto permitiram extrair da obra. Chalhoub¹²⁴, diferentemente de Schwarz¹²⁵, mostra que Machado de Assis já apresentava críticas ao paternalismo em tal romance, ainda que sutis, e até mesmo ao modelo de escravidão (que aqui não se restringe ao modelo escravista, mas à submissão de pessoas a um indivíduo que detém poder, sendo em regime de escravidão ou não). Nessa lógica, a figura do conselheiro é importante, pois ele era um homem rico, que teve seus desejos atendidos mesmo após a morte; nesse mesmo raciocínio, tem-se a figura de Estácio, que, depois do falecimento do pai, passa a ocupar esse alto nível hierárquico, enxergando o mundo somente na sua perspectiva, na qual, em nome do “bem-estar” alheio, costumava encontrar um jeito de fazer as pessoas lhe obedecerem (isso, na obra, também não é mostrado de maneira explícita, visto que Estácio, como um ser “cheio de virtudes”, não poderia ser um tirano). Nesse contexto, entra a personagem Helena, que, tendo consciência desse regime hierárquico (e no papel de “heroína” da história), não denuncia diretamente tal sistema, mas, por conhecer o funcionamento deste, sabe como controlar as situações a seu favor. Um exemplo disso, no romance, aparece no momento em que Helena deseja andar a cavalo, mas, sabendo que possivelmente não seria atendida pelo suposto irmão, apela para a vaidade e para o sentimento de “pa-

¹¹⁸ ASSIS, Machado de, 1993, p.1.

¹¹⁹ ASSIS, Machado de, 1899.

¹²⁰ FERREIRA; Jean Fabricio Lopes; PERROT, Andrea Czarnobay, 2017, p. 111.

¹²¹ FERREIRA; Jean Fabricio Lopes; PERROT, Andrea Czarnobay, 2017, p. 112.

¹²² GUIMARÃES, 2016.

¹²³ SCHWARZ, Roberto, 2012, p. 117.

¹²⁴ CHALHOUB, Sidney, 2003.

¹²⁵ SCHWARZ, Roberto, 2012.

triarca” dele, pedindo-lhe que lhe ensine a cavalgar (e o pedido é feito de maneira indireta):

[...] Em todo o caso, li apenas algumas páginas. Depois abri um livro de geometria... e confesso que tive um desejo...

— Imagino! interrompeu D. Úrsula.

— O desejo de aprender a montar a cavalo, concluiu Helena.

Estácio olhou espantado para a irmã. Aquela mistura de geometria e equitação não lhe pareceu suficientemente clara e explicável. Helena soltou uma risadinha alegre de menina que aplaude a sua própria travessura.

— Eu lhe explico, disse ela; abri o livro, todo alastrado de riscos que não entendi. Ouvi porém um tropel de cavalos e cheguei à janela. Eram três cavaleiros, dois homens e uma senhora. Oh! com que garbo montava a senhora! Imaginem uma moça de vinte e cinco anos, alta, esbelta, um busto de fada, apertado no corpinho de amazona, e a longa cauda do vestido caída a um lado. O cavalo era fozoso; mas a mão e o chicotinho da cavaleira quebravam-lhe os ímpetos. Tive pena, confesso, de não saber montar a cavalo...

— Quer aprender comigo?

— Titia consente?

D. Úrsula levantou os ombros com o ar mais indiferente que pôde achar no seu repertório. Helena não esperou mais.

— Escolha você o dia.

— Amanhã?

— Amanhã.¹²⁶

Conforme as situações mencionadas, a morte de Helena, no fim da obra, significa a não submissão a esse modelo “paternalista”, uma vez que, após ter revelado o segredo de que não era filha do

¹²⁶ ASSIS, Machado de, 1994, p. 24.

conselheiro, ela não poderia mais utilizar suas estratégias e dissimulações para se desviar de tal sistema, tendo de ser totalmente submissa a Estácio e a sua família, como forma de “gratidão”, por lhe terem perdoado pela mentira/omissão (isso também é colocado na obra de maneira bastante implícita, quase imperceptível), não lhe restando outra saída senão a morte. Nas palavras de Chalhoub: “Afim, Helena não podia existir no estado de sujeição mais abjeta, e a descoberta da mentira do testamento arrebatava-lhe a possibilidade de uma perspectiva crítica e autonômica”¹²⁷, diferentes das de Schwarz, que aborda a morte da personagem como uma maneira de ela “encontrar a paz consigo mesma e com as pessoas queridas”¹²⁸.

As interpretações apresentadas até aqui acerca de *Helena* mostram como é necessário ler e discutir Machado de Assis diversas vezes e, de preferência, em momentos diferentes, pois, como já mencionado, as interpretações e as perspectivas críticas se alteram conforme o tempo e o contexto social. Nessa lógica, essas diferentes visões acerca de *Helena* podem ser justificadas pelo contexto sócio-histórico, pois, em meados do século XIX, quando o romance foi escrito, as obras da segunda fase do Romantismo estavam em alta e, em tal período, era muito comum pintar a imagem da mulher como uma “personificação da donzela: ‘jovem, passiva, formosa, meiga, à espera do casamento – símbolo da felicidade plena – que se realize’”¹²⁹.

No entanto, em meados do século XX, discussões acerca dos direitos da mulher na sociedade passam a ter mais enfoque, o que possibilita outras perspectivas críticas, como as de Chalhoub¹³⁰,

¹²⁷ CHALHOUB, Sidney, 2003, p. 44.

¹²⁸ SCHWARZ, Roberto, 2012, p. 127.

¹²⁹ BERNARDI, 1999 *apud* FERREIRA; Jean Fabricio Lopes; PERROT, Andrea Czarnobay, 2017, p. 133.

¹³⁰ CHALHOUB, Sidney, 2003.

em torno de *Helena*. Nas palavras de Ferreira e Perrot: “Esta mudança de pensamento dentro da escola romântica levou a um processo histórico no âmbito da Literatura a fim de rever a representação feminina, abrindo espaço para uma nova visão de mundo e de sociedade que os escritores realistas trouxeram”¹³¹. Do mesmo modo, o tempo atual e o futuro contexto sócio-histórico mostrarão quais serão as outras possíveis visões críticas e interpretações acerca de tal obra (e de sua protagonista). Na obra, um exemplo dessa ruptura está presente em um diálogo entre Helena e Estácio, em que este emite uma opinião bastante senhorial acerca da escravidão, quando diz à protagonista da obra: “A riqueza compra até o tempo, que é o mais precioso e fugitivo bem que nos coube. Vê aquele preto que ali está? Para fazer o mesmo trajeto que nós, terá de gastar, a pé, mais de uma hora ou quase”¹³². Nesse trecho, conforme salienta Chalhoub, percebe-se que Estácio vê a questão da escravidão como algo muito ruim pelo fato de ela ser “a situação de máxima dependência nessa sociedade em que o centro da política de domínio é a produção de dependentes”¹³³, o que Chalhoub chamará de “escravidão moral”¹³⁴, oposto de uma “independência absoluta”, salientando ainda que “Estácio não tem entraves morais, pois a moral e tudo o mais são apenas produtos de sua vontade; o oposto disso é a dependência moral absoluta, a escravidão”¹³⁵. Nesse sentido, Helena, como mostra Chalhoub¹³⁶, continua o diálogo com o suposto irmão, mostrando-lhe que o modo como ele enxerga o mundo não pode ser o parâmetro de todas as coisas e o tenta fazer perceber

que, na relação que ele possui com o mundo, é necessário haver “algo além de procedimentos autoconfirmadores”¹³⁷. Importante destacar, novamente, que Helena faz isso de maneira muito sutil, sendo possível perceber esse aspecto nas entrelinhas de sua fala com Estácio, que se apresenta abaixo:

— Tem razão, disse Helena: aquele homem gastará muito mais tempo do que nós em caminhar. Mas não é isto uma simples questão de ponto de vista? A rigor, o tempo corre do mesmo modo, quer o desperdicemos, quer o economizemos. O essencial não é fazer muita coisa no menor prazo; é fazer muita coisa aprazível ou útil. Para aquele preto o mais aprazível é, talvez, esse mesmo caminhar a pé, que lhe alongará a jornada, e lhe fará esquecer o cativo, se é cativo. É uma hora de pura liberdade.¹³⁸

Por outro viés, Capitu, ao contrário de Helena, apresentava um comportamento feminino mais emancipado. Contudo, assim como se levou tempo para se reconhecer a força de Helena (tida como mocinha submissa e frágil), a visão de Capitu como uma personagem feminina autêntica e de forte personalidade também não foi adquirida de imediato. Uma primeira (e talvez ingênua) leitura de *Dom Casmurro* pode levar a enxergar Capitu como uma mulher fria, astuta e manipuladora, que foi capaz de trair Bentinho com o melhor amigo dele, Escobar. O motivo dessa interpretação, possivelmente, ao contrário do que se costuma acreditar, está muito além da narrativa em primeira pessoa na perspectiva de Bentinho (o que também deve ser levado em consideração), mas se relaciona ao fato de, no começo do século XX (e ainda hoje), a imagem da mulher forte e não idealizada ser vista como

¹³¹ FERREIRA; Jean Fabricio Lopes; PERROT, Andrea Czarnobay, 2017, p. 114.

¹³² ASSIS, Machado de, 1994, p. 28.

¹³³ CHALHOUB, Sidney, 2003.

¹³⁴ CHALHOUB, Sidney, 2003, p. 28.

¹³⁵ CHALHOUB, Sidney, 2003, p. 28.

¹³⁶ CHALHOUB, Sidney, 2003.

¹³⁷ CHALHOUB, Sidney, 2003, p. 30.

¹³⁸ ASSIS, Machado de, 1994, p. 28-29.

uma forma de resistência ao paternalismo e, conseqüentemente, em uma sociedade paternalista, tal personalidade não pode ser confiável; e assim era Capitu, cuja imagética “fugia da fragilidade etérea do Romantismo e, por consequência, de seus autores”¹³⁹. Nesse sentido, a citação de Schwarz¹⁴⁰, a seguir, mostra a perspectiva da crítica sobre tal romance no início do século XX:

Aliás, como recusar simpatia a um cavalheiro distinto e sentimental, admiravelmente bem-falante, um pouco desajeitado em questões práticas, sobretudo de dinheiro, sempre perdido em recordações da infância, da casa onde cresceu, do quintal, do poço, dos brinquedos e pregões antigos, venerador lacrimoso da mãe, além de obcecado pela primeira namorada? Em consequência, a despeito das decisivas indicações em contrário, prevaleceu a leitura conformista. Para exemplo do tom que iria dominar, até entre críticos notáveis pela sutileza, sirva um trecho tomado à primeira exposição de conjunto da obra machadiana, publicada em 1917: “Passemos agora a *Dom Casmurro*. É um livro cruel. Bento Santiago, alma cândida e boa, submissa e confiante, feita para o sacrifício e para a ternura, ama desde criança a sua deliciosa vizinha, Capitulina, – Capitu, como lhe chamavam em família. Esta Capitu é uma das mais belas e fortes criações de Machado de Assis. Ela traz o engano e a perfídia nos olhos cheios de sedução e de graça. Dissimulada por índole, a insídia é nela, por assim dizer, instintiva e talvez inconsciente. Bento Santiago, que a mãe queria fosse padre, consegue escapar ao destino que lhe preparavam, forma-se em direito e casa com a companheira de infância. Capitu engana-o com seu

melhor amigo, e Bento Santiago vem a saber que não é seu o filho que presumia do casal. A traição da mulher torna-o cético e quase mau.”¹⁴¹

Por outro lado, assim como aconteceu em *Helena*, o tempo, com as mudanças do contexto sócio-histórico e com as novas leituras da obra, possibilitou observar a imagem de Capitu por outra perspectiva, exaltando suas características de mulher decidida, sábia e autônoma; Bentinho, por sua vez, passa a ser interpretado como um indivíduo cujos ciúmes chegam a ser doentios e que “arranja a sua história com a finalidade de condenar a mulher. Não está nela, mas no marido, o enigma cuja decifração importa”¹⁴². Além disso, as relações de dependência também são marcadas de maneira muito mais forte em *Dom Casmurro*, seja pela figura do agregado José Dias, que bajula a todos que considera importante (e de quem depende diretamente), seja pela figura dos parentes de Bentinho que habitam a casa da mãe dele. E, assim como Helena conhecia esse sistema paternalista e usava de estratégias para conseguir driblá-lo, Capitu, por também conhecê-lo, sabia como usá-lo para alcançar seus objetivos. Isso se percebe na passagem em que ela e Bentinho (que estava destinado a ser padre por causa de uma promessa feita pela mãe dele) estudam uma maneira de impedi-lo de se tornar padre. Desse modo, Capitu sugere a Bentinho que converse a respeito desse assunto com José Dias, já sabendo que ele tentaria ajudá-lo por ser submisso à mãe de Bentinho e, futuramente, ao próprio Bentinho¹⁴³. Essa consciência de Capitu pode ser percebida neste trecho de *Dom Casmurro*:

¹³⁹ FERREIRA; Jean Fabricio Lopes; PERROT, Andrea Czarnobay, 2017, p. 114-115.

¹⁴⁰ SCHWARZ, Roberto, 1991, p. 86.

¹⁴¹ A citação feita por Schwarz (1991), indicada entre aspas, foi retirada da obra *Machado de Assis*, de Alfredo Pujol, publicada em 1917 pela editora Typografia Levi, encontrando-se na página 240.

¹⁴² SCHWARZ, Roberto, 1991, p. 90.

¹⁴³ FERREIRA; Jean Fabricio Lopes; PERROT, Andrea Czarnobay, 2017.

— Posso confessar?
 — Pois, sim, mas seria aparecer francamente, e o melhor é outra coisa. José Dias...
 Que tem José Dias?
 — Pode ser um bom empenho.
 — Mas se foi ele mesmo que falou...
 — Não importa, continuou Capitu; dirá agora outra coisa. Ele gosta muito de você. Não lhe fale acanhado. Tudo é que você não tenha medo, mostre que há de vir a ser dono da casa, mostre que quer e que pode. Dê-lhe bem a entender que não é favor. Faça-lhe também elogios; ele gosta muito de ser elogiado. D. Glória presta-lhe atenção; mas o principal não é isso; é que ele, tendo de servir a você, falará com muito mais calor que outra pessoa.¹⁴⁴

Dado o exposto, já é possível perceber por que ler Machado de Assis, ainda nos dias atuais, é tão importante: assim como os clássicos (e já se pode dizer que é o caso de suas obras), seus escritos nunca terminarão de dizer aquilo que eles têm para dizer. Sempre poderá haver uma nova abordagem teórica, uma nova perspectiva crítica, uma nova interpretação, a depender do contexto sócio-histórico, da bagagem sociocultural e da experiência do leitor. Como salienta Vera Lúcia Follain de Figueiredo¹⁴⁵, a posteridade deixada pelas obras do referido autor, analisadas por diferentes perspectivas conforme o período, é o maior legado deixado por Machado de Assis; e pode-se dizer que seria um grande desperdício (os mais doutrinários diriam “heresia”) um nativo de língua portuguesa, que tem o privilégio de conhecer as histórias do autor no original, não o fazer, enquanto aqueles que desconhecem a última flor do Lácio ficam à mercê de uma tradução, que se esgota em poucas semanas quando é publicada...¹⁴⁶

¹⁴⁴ ASSIS, Machado de, 2019, p. 39-40.

¹⁴⁵ FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de, 2010.

¹⁴⁶ THOMSOM-DEVEAUX, Flora, 2020.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Helena*. [S. l.: s. n.], 1994. Documento em PDF. Disponível em: http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/18_6eeff49614c4b3fcfaoadbd92c8cdb28. Acesso em: nov. 2020.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 2. ed. Brasília/DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. *E-book* (199 p.). Disponível em: https://livraria.camara.leg.br/index.php?route=product/product&path=2_25&product_id=300. Acesso em: nov. 2020.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. 2. ed. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 15-34.

CHALHOUB, Sidney. Paternalismo e escravidão em Helena. In: CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 17-57.

FERREIRA, Jean Fabricio Lopes; PERROT, Andrea Czarnobay. A representação feminina em Machado de Assis: Helena, embrião de Capitu. *Opiniões*, São Paulo, n. 11, p. 111-122, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/137792>. Acesso em: nov. 2020.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. O legado de Machado de Assis. In: FANTINI, Marli (org.). *Machado e Rosa: leituras críticas*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2010, p. 91-102.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Figurações do leitor no romance de Machado de Assis. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.).

Machado de Assis: lido e relido. Campinas: Editora Unicamp, 2016, p. 231-245.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

SCHWARZ, Roberto. A poesia envenenada de Dom Casmurro. *Novos Estudos – CEBRAP*, v. 1, n. 29, p. 85-97, mar. 1991. Disponível em: <http://novosestudos.com.br/produto/edicao-29/#58dbced404ef7>. Acesso em: jul. 2021.

SCHWARZ, Roberto. Helena. In: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012, p. 117-149.

THOMSOM-DEVEAUX, Flora. A tradutora de Machado de Assis comenta sobre os ilusionismos do Bruxo do Cosme Velho. [Entrevista cedida a] Paula Carvalho. *Quatro cinco um: a revista dos livros*, São Paulo, 1. jul. 2020. Disponível em: <https://quatro-cincoum.folha.uol.com.br/br/artigos/f/flora-thomson-deveaux>. Acesso em: nov. 2020.

SOBRE A ORGANIZADORA, AUTORAS E AUTORES

JOELMA XAVIER

Professora do Departamento de Linguagem e Tecnologia e do Curso de Letras – Tecnologias de Edição do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo Horizonte. Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio doutoral na Université Paris Nanterre (França). Atua nos campos de pesquisa em Teoria da Literatura/Literatura Comparada, especialmente em literatura, outras artes e mídias.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2216765398806513>

NILTON DE PAIVA PINTO

Possui graduação em Letras, mestrado em Letras e doutorado em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é professor da rede privada de ensino de Belo Horizonte: Colégio Santo Antônio e Sagrado Coração de Maria. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em língua portuguesa e literatura brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de língua portuguesa, literatura brasileira, crítica textual, edição de textos e teatro brasileiro.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6009661792448895>

ANA PAULA VASCONCELOS

Professora de inglês e estudante do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

IGOR SILVA OLIVEIRA

Estudante do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).
Foi monitor de Estudos Linguísticos e Sintaxe.
E-mail: igorsilvacontato5@gmail.com

CAMILA MICHEL

Estudante do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

JOANA FRANÇA

Estudante do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

MARINA ARAÚJO

Estudante do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

MARIANE DE SOUZA

Estudante do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).
E-mail: marianesousaoliveira1@gmail.com

FERNANDA CRISTIANE MONTEIRO

Estudante do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).
E-mail: fernandacrisfnl@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2548745415977866>

VINICIUS AMARAL FERNANDES

Estudante do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).
E-mail: vinicius3082@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6464037714843841>

IARA MENDES DOS SANTOS

Estudante do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8833160126714086>

“ Não me culpeis pelo que lhes achardes romanesco. Dos que então fiz, este me era particularmente prezado. Agora mesmo, que há tanto me fui a outras e diferentes páginas, ouço um eco remoto ao reler estas, eco de mocidade e fé ingênua. É claro que, em nenhum caso, lhes tiraria a feição passada; cada obra pertence ao seu tempo. ”

Machado de Assis

(fragmento de *Helena* – Advertência)

